

STADO DO SAGO DA (DOMO), NO CASARÃO DO Porto de Corumbá e no Pantanal em Mato Grosso do Sul. Estão previstas também filmagens para o Rio (Copacabana) e interior de São Paulo.

Joel Pizzini se propôs a filmar uma vida e uma obra que são um "causo" só. Na boca do próprio Manoel de Barros, e num estilo "ficha de Polícia Federal", esse "causo" começa assim:

"Nome: Manoel Wenceslau Leite de Barros. Nascido em 19 de dezembro de 1916 em Cuiabá, Travessa da Marinha, sem número. Infância no Pantanal da Nhecolândia, Corumbá, até os 8 anos. Alfabetizado pela tia Rosa Pompeu de Campos, no Pantanal. Estudei e fiz admissão para o 1º ginasial no Colégio Pestalozzi em Campo Grande de 1927 a 1928".

Depois deste ano a vida do poeta dá um tombo, uma "queda para cima". Ele vai para o Rio de Janeiro e começa a estudar no colégio Lafayette mudando-se depois para o São José, na Tijuca, dos irmãos Maristas. "Lá me deram Padre Antônio Vieira para ler. Foi o meu desvirginamento literário, a maior descoberta. Li todos os clássicos portugueses e cometi um livro de sonetos, cerca de 150 exemplares, dos quais nenhum resta", lembra Manoel de Barros.

Na hora da universidade, 1934, Manoel de Barros escolhe o Direito que ele acaba de desentortar em 1939. De 1935 a 1945 ele foi marxista, "apenas para contestar". Manoel de Barros pertenceu à mesma cédula comunista em que militava Apolônio de Carvalho. Mas quando Prestes saiu da prisão e selou a aliança com o ditador Vargas, "o mesmo que mandara Olga para os nazistas", Manoel de Barros arrumou as malas da ideologia, sentou no meio-fio da calçada, chorou, e deu adeus ao PCB. Mas continuou "aberto aos desentendimentos como um rosto". Diz mais: "Continuo um homem de esquerda".

Em 47, este (caipira) da modernidade dá um vôo maior.

— Em meados de 47 fui vagabundar em Nova Iorque. Foi lá que fiz curso de pintura e de cinema (como se ver cinema). Vi filmes do mundo todo, até do Brasil (dizem os amigos que ele era um rato da cinemateca de Nova Iorque). A cidade alargou a minha visão das coisas e o "bugre" deixou ainda mais de ser provinciano. Na pintura, em exposição na rua 57, descobrir "Braque" foi importante pra burro. Na década de 50 colaborei com o Correio da Manhã e depois a volta definitiva para Campo Grande.

Este "dono" de três filhos e três netos, uma espécie de Dersu Uzala do Pantanal (como no filme de Kurosawa ele é o espírito vivo da região que habita), só agora, com mais de 50 anos de poesia e aos 70 de vida, começa a ter o seu nome citado em universidades e vê os críticos falarem da sua poesia. Não que ele precise disso, mas descontando a sua modéstia sem limites, para nós que estamos atualizados com todos os concretismos e vanguardismos possíveis e imaginários, chega a ser dolorosa uma descoberta tão tardia. Mea culpa poeta. Antes tarde do que nunca. Garanto que estamos esperando o teu funeral para as devidas homenagens. Temos que fazer jus ao nosso subdesenvolvimento. Nunca a frase do outro poeta foi tão verdadeira: "Eles passarão eu passarinho".

pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

— Minha vida você conhece, não tem episódios edificantes e nem heróicos. Nada mencionável nem por anedota. E minha obra, essa, é complicada por me ser. E se tentarmos descomplicá-la, desbarranca. Melhor deter o assunto.

— Bom, disse Martha Barros, mas tem uma coisa engraçada no seu dia-a-dia. Dizem que o senhor anda na rua falando sozinho. E isso é mencionável.

— O que pode acontecer é que as pessoas não enxergam os meus interlocutores. Tem muita gente de vista curta. Sozinho eu falo com todos. Sou nisso um tanto plural.

Depois desta conversa passaram-se meses. Martha Barros se esqueceu do assunto e o poeta parecia nem ter ligado. Mas ela tinha deixado no bolso do poeta uma folha com as perguntas. Um dia ele apareceu com as respostas. "Me entregou um caderno com letras miudinhas. Botei na minha sacola para ler em casa. Pensei nos seus 50 anos de poesia e achei oportuno publicá-las. Acho que presto um serviço aos leitores". Contou na época Martha Barros.

A entrevista na íntegra é esta:

MARTHA BARROS — Em poesia, é mais importante o assunto ou a forma de dizê-lo?

MANOEL DE BARROS — Tudo creio já foi pensado e dito por tantos e tontos. Ou quase tudo. Ou quase todos. De modo que não há novidade de baixo do sol — e isso também já foi dito. "Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos são infinitos" — falou Roland Barthes. Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. Se for para tirar gosto poético vai bem perverter a linguagem. Não bastam as licenças poéticas. Há que se ir às licenciosidades. Temos de molecar o idioma para que ele não morra de clichês. Subverter a sintaxe até a castidade. Isto quer dizer: até obter um texto casto. Um texto virgem que o tempo e o homem ainda não tenham espolegado ao ponto de banal. O nosso paladar de ler anda com tédio. E preciso propor novos enlaces para as palavras. Injetar insanidade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delírios.

Em Nunes Peres Sandeu, nas Cantigas dos Trovadores Medievais selecionadas por Clarice Berardinelli, encontro estes versos.

E, poye aqueles olhos meus

Por el perderam o dormir

A beleza se abre no segundo verso Por el perderam o dormir. Porque

adubam-se em seu ser. Então no meio da coisa pode saltar uma clave ou um rato. Daí a gente tem que trabalhar. O horizonte fica longe que nem se vê. Um horizonte pardo como os curdos. Também faz parte desse processo de sarrumar a cartilha. Seduz-me reaperder errar a língua. Eis um lado obcdio meu.

— Pessoas que leram os seus poemas sempre me perguntam se o senhor não é um loucão. Como explicar isso?

MANOEL DE BARROS — Poeta é sempre um ser escaleno. Daí que as imaginações nutridas em suas obras podem fazer retratos falsos dele. Alguns até são louções mesmo. E se dissipam por bares e prazeres. Porém no geral os poetas são pessoas comuns que carregam embrulhinhos de pão às 6 horas da tarde pra casa, se encostam em árvores, puxam válvulas, etc. Mas tudo isso sem grandezas ou estandartes. Eles são mesmo gauchos na vida, como diz o nosso caro Drumond.

— Como vê a poesia mato-grossense?

MANOEL DE BARROS — A julgar pelos rapazes da revista Mugido, logo teremos uma excelente e renovadora poesia. Que se afastem os outros de dois perigos: a necroverbose dos acadêmicos e a exuberância da nossa natureza. (Não fosse aqui o Pantanal). Da necroverbose basta evitar contactos. E da exuberância da natureza basta ter cuidado para não se afogar em tanto natural. Quero dizer: é preciso evitar o grave perigo de uma degustação contemplativa da natureza sem a menor comunhão do ente com o ser. Há o perigo de cair no superficial fotográfico, na pura cópia, sem aquela surda transfiguração epifânica. A simples enumeração de bichos e plantas (jacarés carandá sariema, etc) não transmite a essência do Pantanal, senão que apenas a sua aparência. Aos poetas é reservado transmitir a essência. Vem daí que é preciso humanizar as coisas e depois transfazê-las com versos.

— Acusam de alienada a sua poesia? Que acha disso?

MANOEL DE BARROS — Não sou alheio a nada. Não é preciso se falar de amor para se transmitir amor. Nem é preciso falar de dor para transmitir o seu grito. O que escrevo resulta de meus armazenamentos ancestrais e de meus envoltimentos com a vida. Sou filho e neto de bugres andarejos e portugueses melancólicos. Minha infância levei com árvores e bichos do chão. Essa mistura jogada depois na grande cidade deu borá: um mel sujo e amargo. Se alguma palavra minha não brotar desse substrato, morrerá seca. "As correntes subterâneas que atravessam o poeta, transparecem no seu lirismo", disse Theodor Adorno. E disse mais: "Baudelaire foi mais fiel ao apelo das massas do que toda a poesia gente-pobre de nossos tempos". Falo comparando.

— Qual a matéria da poesia?

MANOEL DE BARROS — Todas as palavras. Lata pedra rosa sapo nuvem — podem ser matéria de poesia. Só que as palavras assim, em estado de dicionário, não trazem a poesia ou anti-poesia nelas, inerentes. O envolvimento emocional do poeta com essas palavras e o tratamento artístico que lhes consiga dar —, isso que poderá fazer delas matéria de poesia. Ou

mudam os dedos do jogo resgatam os meus goros. Nesse sentido sou fanfã de Cristo, Rimbaud, Klee, Pessoa, Chaplin, Guimarães Rosa, Woody Allen, Millôr, Dalton Trevisan — entre outros.

— "Poesia não é para compreender; mas para incorporar". Pode explicar melhor esse seu verso?

MANOEL DE BARROS — Porque é nos sentidos que a poesia tem fonte. Além do mais esse é um verso, não é uma sentença. Poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança. Não há de ser com a razão mas com a inocência animal que se enfrenta um poema. A lascívia é vermelha, o desejo arde, o perfume erica. Tem que se compreender isso? Ou apenas sentir? Poeta não é necessariamente um intelectual; mas é necessariamente um sensual. Pois não é ele quem diz eu-te-amo para todas as coisas? E esta desexplicação pode não fazer médias com os estatísticos, mas faz com os tontos.

— O senhor não fala em público. Por quê?

MANOEL DE BARROS — Porque eu gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes, até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando; mas escrevendo. Palavra falada não é capaz de perfeito. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito. Assim, o verso de Felipe de Oliveira: "A perfeição e o orgulho de pecar", me hipnotiza e me desvela. E esta dissimulação me esconde como um pé de sapato na sarjeta. (Um pé de sapato na sarjeta lembra mais o seu pobre dono).

— Está compondo outro livro?

MANOEL DE BARROS — Creio que embromo um descanto. Mudando as penas de hoje para outras iguais de ontem. O tal negócio de que poeta só tem um tema: ele mesmo. Não fosse poesia a sacração do eu. De forma que me repito como sombra de árvore. E o que seria um livro novo é pura remastigação. O poeta que hoje me sonho está sentado em cima de uma pedra à beira de um rio escrevendo em adâmico. Sub-existe ele por reinos onde nada acontece.

esperando que a mídia se manifestasse. Que escritores especializados se manifestassem. O Suplemento Literário de Minas Gerais (honra ao jornal) deu duas notas, elogiando. Foi só. "Não é um país sério" — já dizia o narigudo francês".

MILLOR FERNANDES
na revista IstoE de 3 de outubro de 1984

Este Manoel de Barros, mistura monumental de construtor subversivo, bandido, anjo e So Francisco de Assis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles... é o maior poeta brasileiro vivo. Pelo que se vê ao se ler, esse bruxo inveterado sabe conversar com os bichos do Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu corpo vivem pregados ao chão de lá e pouco se lhes dá se a comunidade litero-artística do eixo Rio-São Paulo não descobre o gosto, o cheiro, a cor, o som de sua poesia. De vez em quando ele aparece, esquivo, aqui pela cidade grande, como um peixe grelhado e fuge depressinha para o mato, onde continua em seu silêncio que sabe ouvir lesmas e toca o finíssimo e continuado trabalho. Ao que chama com humildade humilhante, de inutensílio".

JOÃO ANTONIO

Escritor, autor de Casa dos Loucos, Malhação de Judas Carloca e Malagueta, Perus e Bacanaço

Manoel de Barros, figura singular e plural, é um dos maiores poetas brasileiros, embora ainda pouco conhecido pelo público. Bastará lê-lo uma vez para que os leitores se disponham a acompanhá-lo sempre na ventura de despir as palavras e as coisas de suas dimensões lineares, o que lhes revelará os insuspeitos universos que ela contém".

ENIO SILVEIRA

Escritor e Editor

Custa crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido todo esse tempo no escuro. Tanta luz no escuro! Um poeta assim permanecer tão desconhecido, tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas? Oh meus patricios, leiam a poesia de Manoel de Barros. Ainda é tempo de fruir. "A vida de um menino do mato sem importância".

ISMAEL CARDIM

Escritor

O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor

O filme de Joel Pizzini que começa a ser rodado agora em julho vai reunir um elenco de nomes muito especiais e, todos, com uma característica comum: nasceram no Mato Grosso. Está confirmada a participação em O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor de Ney Matogrosso, Tetê Espindola, Rubens Correa, Almir Satter, Jayme Del Cuetto, Aracy Balabanian, Ney Latorraca, Ivan Albuquerque e Humberto Espindola.

A produtora executiva e assistente de direção é Eliane Bandeira que trabalhou como diretora de produção em A Hora da Estrela de Suzana Amaral, premiada no Festival de Berlim e de Brasília. Eliane Bandeira produziu e dirigiu os filmes: Vida de Doméstica, E Menino ou Menina, Balzaquilanas, A Terceira Idade e Mulher Índia. A produção de Mato

Grosso do Sul ficou a cargo de Sandra Menezes que dirigiu o vídeo Alma em Revista, apresentado em maio em Brasília durante o Levante Centro-Oeste e concorrendo nos Festivais de Roma e Barcelona. Sandra Menezes foi assistente de produção no filme Comitiva Esperança, Viagem Através do Pantanal, de Wagner Carvalho.

A direção de Fotografia do Inviável Anonimato é de Pedro Farkas (Rei da Vela, Inocência, A Lenda do Boto, A Marvada Carne, Cinema Falado), o técnico de som, Geraldo Ribeiro (Das Tripas Coração, Jango, Anos JK, Céu Aberto, O País dos Tenentes, Asa Branca, Frei Tito e a direção de produção de Maria Madalena Ionesco (Janete, A Hora da Estrela, Filme Demência, Brasa Adormecida, A Longa Viagem e Cidade Oculta).

Brasília e Campo Grande, ping-pong poético

□ Não é fácil chegar perto de Manoel de Barros. A aventura da revista Bric-a-Brac para conseguir entrevistar o poeta, exigiu muitas jogadas de efeito, cortadas e casquinhas

Tudo é culpa do Resa. Foi ele quem inventou esse negócio de entrevistar Manoel de Barros lá no Mato Grosso, tentar o impossível. Se o homem foge de imprensa, como é que vai nos receber. Isso já faz um ano. Quando Reynaldo Jardim ainda des governava na Fundação Cultural (aquilo sim é que era desadministração), sua antena parabólica resolver captar através do Levante Centro-Oeste aquele poeta estranho de olhar fixo no chão pantaneiro. Isso lá por 1986/1987. Cairam nas milagrosas mãos de Resa e Nanche, uma dupla de programadores visuais melhor do que Batman e Robin, poemas de Manoel que se transformaram em meia dúzia de posteres-cartazes. Um deles dizia: *NNMinhocas arejam o chão. Poetas a Linguagem*".

Manoel de Barros recebeu homenagens no Encontro de Escritores. Naquele tempo havia disso. Mas o que importa nisso tudo é que o Resa se apaixonou pelo "velho" e fez com que os demais Bric-a-Bracs também se apaixonassem. E lá fomos nós para Campo Grande, com a força do secretário de Cultura, Humberto Espíndola, e o apoio logístico de Thais Costa, que convenceu o poeta da importância do contato. De imediato, Manoel se mostrou muito bem informado do que de bom e novo acontecia em Brasília. Já conhecia, por isso não ladeou Bric-a-Brac. A paixão foi múltipla. A entrevista documental a ser publicada na edição a sair em abril é fruto de uma paixão e de um convívio que já dura nove meses. É um parto. Um parto natural. Ao longo desta gestação, muitas cartas foram trocadas, muitas provocações feitas. Manoel dava trato à bola; refazendo perguntas, colando pontos de vista, transformando cada informação em poesia, fazendo com que cada resposta sua se metamorfoseasse em novo poema-prosa, ou prosopoemas. O ping-pong poético entre Campo Grande e Brasília intensificou-se com jogadas de efeito, cortadas, deliciosas casquinhas e, principalmente, densidade poética de parte a parte. Quando, em uma



TRIÁLOGO POÉTICO

Luis Turiba, Manoel de Barros e João Borges num diálogo entre o novo e o eterno

INÉDITO

Um trecho da entrevista à Bric-a-Brac

Bric-a-Brac — A tradição poética do Ocidente e do Oriente está mais povoada de estrelas, lua, chuva, luz, nuvens, montanhas (nos haikais, por exemplo, esses elementos estão muito presentes). Isso para ficar apenas nas palavras de sentido concreto. Você fez uma opção por lesmas e caracóis. Se Maiakowski era "Nuvem de Galop" e eu de poeta que culti-

lo, que é o olho com que os poetas enxergam as coisas, aquele restolho estaria escrito em pauta errada. E a pauta errada seria a única pauta confiável de um poeta. Para o meu amigo, o nordestino da peste, o Chico Miranda, aquela ascensão seria a ascensão da lesma. Da lesma que anda esfregando na escória sua vaginula

envolvidas em monturos. Fendas carnívoras de moscas. Formigas carregando pedaços de couro para o seu azedal. E por baixo do couro as selvandijas fervilhando... O olho anômalo do poeta estará voltado para as coisas que não alcandoram. Daqui o que eu vejo é a mosca. E vejo os caracóis a passear sobre os muros ca-

■ PALAVRAS DO CARAMUJO

De tarde, iminente de lodo, ia sentar-se no banco do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras e uns vermes).

Lesmava debaixo dos bancos. O homem sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era sua metáfora.

As ruínas só serviam para guardar civilizações e bosta de sapo. Amava caracóis pregados em palavras.

Cortazar conta que quando alguma expressão lhe queria sujar, ele a camuflava. Assim: espectador ativo, virou Hespertador Hativo. Com essas vestimentas de HH, lugar comum não lhe sujava mais.

Bicho acostumado na toca, encega com estrela.

Os grilos de olhos sujos se criam nos armazéns.

Eu havia de pedir desculpas sobre a esperança. Olhares que pesavam malvas. Esterco fumegante. O sangue escuro como um corte ácido no vaso de uma rês. Tudo me perturbava. E mais abaixo, sobre o estrado da cama, aquele cheiro de sol na boca atormentada de uma fêmea.

Antônio Houaiss
avalia a entrevista

Meu caro amigo, Tive a oportunidade de ler, dentre os que a tiveram em primeira mão, a entrevista que você teve a ventura de entreter com Manoel de Barros. Devo confessar que você me parece triplicemente galardoado: primeiro, porque o fez falar por dentro dos horizontes da sua própria poesia dele, o que me parece algo inaugural, pois se trata, como é público e notório, dos mais casmurros encaramujados poetas do nosso grande poetas; segundo, porque Manoel de Barros usa de uma franqueza e desassombro de quem decidiu, no instante, cortar as amarras com a discrição e fazer br-

Dácio Corrêa em sua coluna de hoje comenta sobre o ti-ti de toda a sociedade campograndense. Casamentos a vista e principalmente sobre o que está acontecendo nos grandes centros.

Pág.....03

CADERNO DOIS

"Caramujo" de Pizzini faz sucesso na Europa

O filme "Caramujo-Flor", dirigido pelo cineasta sul-matogrossense, Joel Pizzini Filho, e inspirado na obra poética de Manoel de Barros acaba de ser exibido em cadeia nacional pela NDR, uma das principais emissoras de televisão da Alemanha, que adquiriu os direitos para a veiculação do filme naquele país. "Caramujo-Flor", foi apresentado também com destaque, em março último, na Cinemateca de Paris - espaço destinado a produções da vanguarda europeia, dentro de uma mostra dedicada aos melhores filmes brasileiros da última década. A mostra foi reapresentada na cidade de Rennes dia 26 de março, no famoso "Theatre Nationale de la Bretagne". "Caramujo-Flor" encerrou sua participação na turnê francesa, participando do 5.º Rencontre Cinemas d'Amerique Latine", que aconteceu de 22 a 30 de março na cidade de Tolouse. Na França o filme foi exibido em versão francesa - "Escargot Fleur", já na Alemanha, o "Caramujo" foi mostrado em versão inglesa, traduzida pelo poeta e letrista, Carlos Rennó, "transcriador de Cole Porter, para o português e parceiro de Tetê Espíndola ("Na Chapada" e "Cuibá")", Arrigo Barnabé e Rita Lee.

Ainda na França, o filme de Pizzini representou o Brasil no 10.º Festival Internacional do Filme, realizado na cidade de Amiens, tendo impressionado o diretor da mostra, Jean-Pierre Garcia, que destacou as qualidades plásticas e poéticas do curta brasileiro. Outro crítico francês, Jean Douchet, colaborador do "Cahiers du Cinema" e professor da Universidade de Paris, considerou o "Caramujo" como filme "absolutamente de autor". Douchet, que também realizou o documentário "Paris vista por..." com Jean-Luc Godard ("Acossado") ressaltou também o trabalho de pesquisa de luz, a bela música e também a captação dos detalhes pela câmera de Pizzini, que por vezes se tornam "vislumbres". "Mas o que mais me impressiona neste filme é a capacidade de um jovem artista levar o seu projeto até o fim, e daí criar uma totalidade", enfatiza o ensaísta.

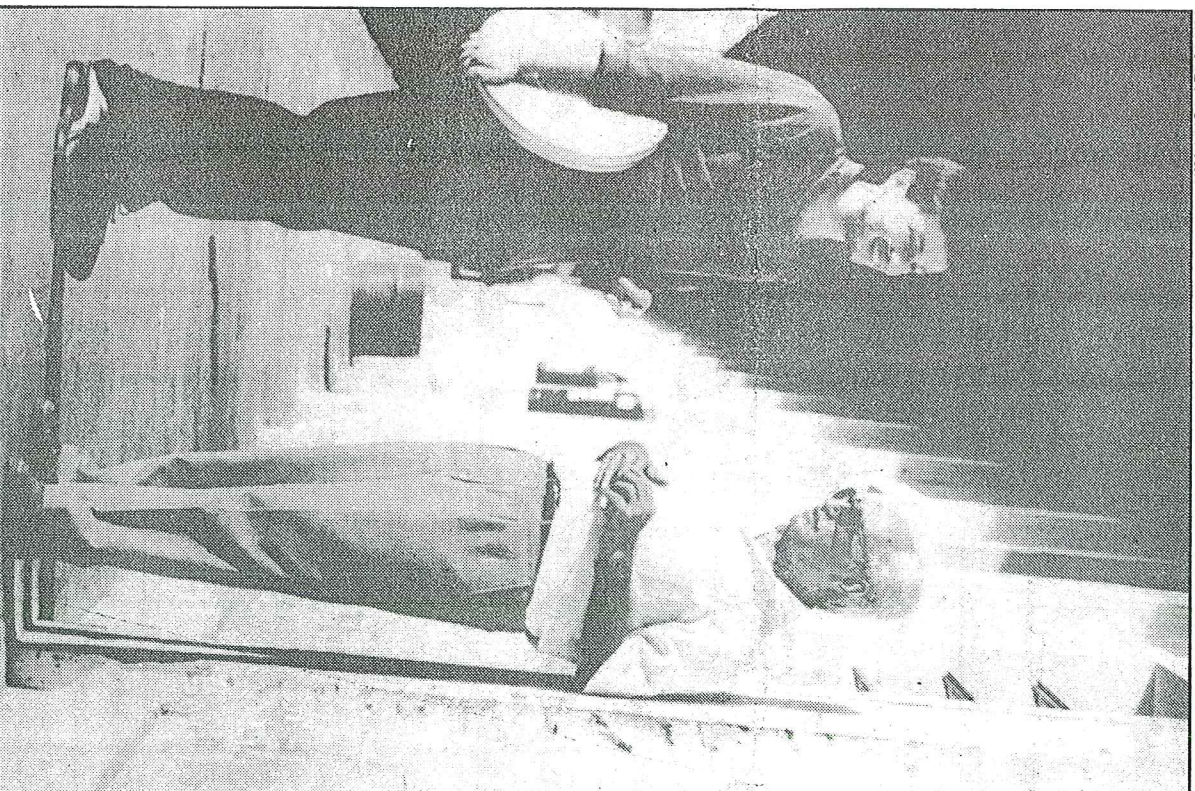
Prêmio Estímulo - "Caramujo-Flor" contabiliza no exterior, uma carreira brilhante para um curta-metragem brasileiro. Vencedor do XVI Festival Internacional de Huelva (Espanha), conquistando o prêmio "Colón de Ouro" como



MARCELO BAUNAIN

Um bate-papo informal e a discussão sobre o filme "Caramujo Flor", um sucesso

MARCELO BUAINAIN



Joel Pizzini, e o grande poeta sul-matogrossense Manoel de Barros

melhor filme, sendo o "cine-poema" de Joel já foi também apresentado nos festivais de Tróia (Portugal),

Roterdã (Holanda), Oberhausen (Alemanha), Cuba além de uma mostra organizada pela Filмотeca

Catalunha (Barcelona). A "Retrospectiva de filmes experimentais" que o Museu de Imagem e do Som (SP), está promovendo, de 20 a 29 de agosto, dentro do próximo Festival Internacional de Curtas, inclui a participação oficial de "Caramujo-Flor".

Pizzini que esteve há um ano na Andaluzia trabalhando no roteiro de seu projeto "A pedra na paisagem", subvencionado pelo governo espanhol através da "Ayuda a Creación Audio-Visual", concedida pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional (ICI) - em concurso público realizado em Madrid - aguarda o resultado do "Prêmio Banespa", que poderá viabilizar seu documentário sobre o diálogo do poeta João Cabral de Melo Neto, com a paisagem ibero-americana. Enquanto isso, concentra-se na produção de seu novo projeto de curta-metragem "O enigma de um dia", selecionado para co-produção pelo "Prêmio Estímulo", da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e aprovado recentemente pela "Lei Rouanet".

Cinema e Pintura - "O enigma de um dia", inspira-se no quadro homônimo do pintor italiano Giorgio de Chirico, considerado um dos maiores artistas deste século e, cujo centenário de nascimento comemora-se, atualmente, no mundo inteiro. O quadro "O-enigma de um dia", trazido ao Brasil por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, pertence hoje ao acervo do

MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea de São Paulo), e só recentemente foi descoberto pela crítica internacional, sendo avaliado como uma das obras-primas do período metafísico do pintor.

Para traduzir este diálogo do cinema com a pintura, o filme terá direção de fotografia de Rodolfo Sanchez, premiado por seu trabalho nos longas "Pixote" e "O beijo da mulher aranha" de Hector Babenco. As locações acontecerão em Mato Grosso ("Chapada"), Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Para realizar seu novo curta, Joel Pizzini espera contar com o apoio efetivo das entidades públicas estaduais, municipais e federais de alguma forma ligadas à cultura, numa parceria com a iniciativa privada, que poderá deduzir do imposto de renda o seu investimento na obra artística do cineasta douradense. Com produção da Orion Cinema e Vídeo, com larga experiência na realização de filmes do gênero, Pizzini vai à luta, esperando depois do sucesso de seu "Caramujo-Flor" contar com o aval do empresariado da região para colocar novamente nosso cinema em destaque no plano nacional. Animado com a perspectiva concreta da criação da Lei de Incentivos à Cultura em Campo Grande, o cineasta Joel Pizzini Filho acredita que se com a aprovação deste instrumento legal, já podemos sonhar no surgimento de um pólo de produção áudio-visual na cidade. "E se mobilizar pra ver", enfatiza o cineasta.

Manoel de Barros, um dos mais elogiados e desconhecidos poetas do país, fala das suas criações e do recém-lançado 'O livro das ignoranças'

ANNA REGINA ACCIOLY
OMPARADO a Guimarães
Rosa, pela riqueza de seu
texto e ainda por cultivar o

mesmo hábito de inventar palavras, mas quase desconhecido para o grande público, o ciababano-panatano e com dez livros publicados, um dos maiores poetas vivos do país. O refinamento e a exuberância, sempre com profundas raízes na sabedoria popular, são as trilhadas que ele vem percorrendo em seus 50 anos de marginalidade na poesia

brasileira. Agora, a editora Civilização Brasileira acaba de dar ao país a primeira oportunidade de descobrir o universo inquietante e onírico de Manoel de Barros, editando *O livro das ignoranças*, segundo ele, um sofrimento "so". O poeta define seu ofício como "de 'descascar palavrões', e admitir com elas "um relacionamento volúptuoso, quase depravado".

O novo livro vem sendo tecido desde 1992. Em junho daquele ano, Manoel de Barros já revelava a ideia-mestra dos novos poemas: "Assim que eu pensei: se a gente voltar pro estágio do índio e da criança, não vai mais saber o nome de quase nada e será obrigado a nomear tudo por imagens. Se eu não souber o nome de *barrranco* eu digo: lugar onde avestruz esbarra. Essas coisas. Penso que a ignorância é fecunda de imagens."

Todos os que já tiveram contato com a obra de Manoel de Barros mostram o mesmo encantamento. O dramaturgo Alcione Araújo diz que ele "vira o mundo de cabeça para baixo, envolve de surpresa e emogoa as insignificâncias, que crescem ao sublime". Para Antônio Houaiss, ex-ministro da Cultura, a obra de Barros "é a expressão que

O escritor João Antônio vai além: "Sua poesia tem a força de um estampido em surdina. Carrega-
trada na poesia universal."
originalidade é dificilmente encon-
dade". Houaiss acrescenta: "Sua
realista, e de uma enorme racional-
sua poesia, sob a aparência sur-



do saber no filósofo. Quem não tem razão de ideias caça com gato. Quer dizer: quem não pode se entender com a razão, entende-se com as suas afeições. Um dia descobri o meu ninguém. A liberdade absoluta era não ser ninguém. Então passei a achar que a formiga era mais importante que Kant.

tem tranquilidade para criar, mas fica longe do movimento cultural dos grandes centros. Isso o atrapalha?

— Se a gente considera que cultura seja erudição, instrução vasta e variada — como a diz o Aurélio —, a coisa fica um pouco difícil por aqui. Mas se a gente julga que cultura seja “o caminho que o homem percorre para se conhecer”, como que-ria Kierkegaard, na linha que vem de Sócrates, então a cultura fica

— Há sempre em sua obra um andarilho, um idiota de estrada etc. Que caminho deserto é o deles?

— Penso que devemos conhecer algumas coisas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre a abertura ou o fechamento de

— Sua poesia às vezes é dita original e regionalista. Uma coisa tem relação com a outra?

— Não creio que a originalidade de um texto venha do lugar onde o autor nasceu ou onde tenha vivido. A infância que passei no Pantanal deixou em mim um lastro, é claro. Sou um depósito daquelas coisas novas de meu quintal, misturadas às outras coisas das dos meus armazéns e dos meus ancestrais. Minha poesia não é de ser um pouco o resultado dessa mistura, é mais o meu instinto.

“Monte e remonte
palavras conforme
o cheiro, o paladar
e o som delas.
Mas eu nunca sei
quando um livro
está nos trinquês”

povo", disse Rosa. "Exuberância de nas", eu disse. Vai daí, começamos a prosaear lourenço. Agora rason um tuitit. Rosa falou: "Tu-you-you é mais importante nos seus pronomes do que no seu tamanho de crescer." Marquês isso com os ouvidos. Os nomes para ele eram

mas importantes do
que a coisa nomeada. "Vejam, Ma-
noel: jacaré tem um corpo fônico
aspero." Não falou do bicho gru-
moso. Só via o corpo da palavra.
"Conhecimento é posse pela pala-
vra", falou. Perguntou-me depois
sobre a noite. Se eu houvera dou-
m?

ridade coerente do povo", disse Rosa. "Exuberância de na-
das", eu disse. Vá-
 dai começamos a
prosear lourenço.
Agora rasou um
tuitiu. Rosa falou:
"Tu-yon-pou é mais
importante nos seus
promissões do que no
seu tamanho de cres-
cer." Marquei isso
com os ouvidos. Os
nomes para ele eram

— Em seu auto-retrato o senhor diz
sa.
versamentos com J. Guimarães Ro-
mará *No sertão, no Partimãl: con-*
conversas em um livro, que se cha-
dável.” Pensei em recompor essas
queimas. A sua violeta veio do inson-
nós”, Rosa disse, “são as coisas pe-
que ainda resta de grandeza para
das latas, cresce uma violeta.” O
quintal. Logo, no fundo imundo do
toava milhões de latas no fundo do
muito sonhara. Sonhei que amon-
do com tanto calor. Que sim e que
sobre a noite. Se eu houvesse dormi-
vra”, falou. Perguntou-me depois
“Conhecimento é posse pela pala-
moso. Só via o corpo da palavra.
áspero.” Não falou do bicho gru-
noel: jacaré tem um corpo fônico
que a coisa nomeada. “Vega, Ma-
mas importantes de

que ao punhar seus livros se sente
"meio desconrado" e foge para o
Pantanal. Não gosta de ser lido?
— Parece que eu pratiquei um cri-
me de ser preso quando publico um
livro. Penso que faço um brinquedo
furado que nem serve para jogo. De
qualquer forma eu sei dosar isso
com palavras. A tal ponto que pen-
sam que sou humilde. Mas não. Eu
tenho muito orgulho de meu texto.
Gosto secretamente de ser lido, e
mais: gosto de ser amado, através de
minha poesia.

que as paisagens lhes deixam no
olho. No fundo, os andarilhos sô

*"Monte e
palavras e
o cheiro,
e o som
Mas eu r
quando
está nos
Man*

— Bem que eu sou culpado de incommoda?

— O silêncio da crítica nunca o leio avencas, tem hora Proust.

um sujeito inconfiável; tem hora originalidade ha de ser fructo de um colio anormal com as letras. Sou antes que pela saúde dela. A minha tenho pelas doengas da linguagem importante o gosto esquisito que collegio. No caso da originalidade é mexer com palavras que adquiri no to linguistico. E um certo gosto de dessa mistura, e mais o meu instinto ha de ser um pouco o resultado namentos ancestrais. Minha poesia nutras coisinhas dos meus armazens do meu quintal, misturadas as. Sou um depositario daquellas coisinhas em mim um lastro, e claro. deixei no Panthanal

Queria ser visto como um artesão
fivela de prender silêncios etc.
o homem adequado à lata, uma
cremoso, o abridor de amanhecer,
cantantes, os seguintes: o alicate
Eu inventei, entre outros objetos.
inventor do que como um poeta.
ria de ser mais reparado como um
mais que a minha tribo. Eu gostava
boca própria, ela não alcança
mo que por ser a minha poesia tão
hipócrita se morresse que não. Te-
crítica me incomoda, sim. Eu seria
alguém sério, etc. A desorienta-

A black and white photograph showing a close-up of a person's face, heavily shadowed and obscured by a dark, textured material, possibly a mask or a large shadow. The image is grainy and has a high-contrast, almost abstract quality.

Assim que eu penso, se a gente voltar pro estágio do índio e da criança, não vai mais saber o nome de quase nada e será obrigado a nomear tudo por imagens. Se eu não souber o nome de *barranco* eu digo: lugar onde avestruz esbarra. Essas coisas. Penso que a ignorância é fecunda de imagens. Todos os que já tiveram contato com a obra de Manoel de Barros mostram o mesmo encantamento. O dramaturgo Alcione Araújo diz que ele "vira o mundo de cabeça para baixo, envolve de surpresa e emoga as insignificâncias, que crescem ao sublime". Para Antônio Houaiss, ex-ministro da Cultura, a sua poesia, "sob a aparência surrealista, é de uma enorme racionalidade". Houaiss acrescenta: "Sua originalidade é dificilmente encontrada na poesia universal".

— Sua poesia sempre situou-se no chão, mas nesse novo livro os delírios do canoeiro, na grande inundação do Pantanal, se juntam às águas e só se vê o céu. O que aconteceu?

— No meu penúltimo livro havia um elemento que morava na árvore. Ele teve um delírio frásico. Dizia coisas malucas. Os delírios do homem que está no alto da enchente, agora, e só vê a fronteira do céu, se escoram mais nas vidências do que no ver. Nesse caso do canoeiro estou buscando os deslindes da palavra. Penso que não desprezei as insignificâncias do chão.

— Ninguém sabe muito do seu fa-
zer poético. Eu sei muito menos. Eu
monto e remonto palavras confor-
me o cheiro, o paladar e o som
delas. Mas nunca sei quando meu
livro está nos trinques. Sou analfa-
beto pra certezas.

— O senhor costuma dizer que entre
o insigne e o ordinário prefere o
ordinário. Por quê?

— O que me atrai para as coisas
desimportantes é a importância de-
las. O caminho é sem rumo. Primei-
ro a gente se dá a estudar. Quer
obter informações, cultura. Eu fui
um sujeito estudado. Ia de Kant às
formas. Mas eu buscava o outro

AUTO-RETRATO FALADO

Agora eu sou tao occaso!
 Estou na categoria de sofrer
 do moral, porque só faço coisas
 inúteis.
 No meu morrer tem uma dor
 de árvore.
 (Poema publicado, na edição es-
 pecial de *O livro das ignorancas*,
 junto com um recado ao empre-
 sario José Mindlin: "Esse aí sou
 eu. Não conte para ninguém, se-
 não me prendem.")

Venho de um Cutabá-garim-
po e de rueltas entortadas.
Meu pai teve uma venda de
bananas no Beco da Marinha,
onde nasci:
Fui criado no Pantanal de
Cormubá entre bichos do chão,
pessoas humildes, aves, árvores
e rios.
Aprecio viver em lugares de-
cadentes por gosto de estar entre
pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser preza-
do é coisa que me apraz.

O poeta (no alto e ao lado, com sua mulher) está de volta as livrarias



"O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor"

Filme de Joel Pizzini sobre a obra do escritor Manoel de Barros, deverá estreiar em março no Festival de Gramado.

Após o término das filmagens do "O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor", o cineasta douradense, Joel Pizzini Filho, parte agora, para a fase da montagem da película. Ele espera fazer a estréia do filme, em março próximo, no Festival Nacional de Cinema de Gramado (RS). E de lá, o filme poderá vir para Dourados, e daí, será levado para os grandes centros do país.

Joel Pizzini Filho está em Dourados, mantendo contatos com os mais diversos empresários, objetivando angariar apoio financeiro para a finalização do filme (trilha, mixagem, letreiro, etc.). O vice-governador do Estado, George Takimoto vem dando especial atenção ao cineasta, que reúne, pela primeira vez, os artistas sul-mato-grossenses num projeto cinematográfico.

Para a finalização do filme, Joel Pizzini Filho, necessita em torno de Cz\$ 800 mil, e isso ele espera conseguir junto à classe empresarial de Dourados, o quanto mais antes, para poder fazer a estréia do filme em Gramado.

O FILME

"O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor" (cor - 34 mm), trata-

se, na verdade, de uma leitura cinematográfica da obra do poeta Manoel de Barros que, ao completar no anonimato, meio século de criação literária, é reconhecido pela crítica como um dos maiores poetas em atividade no país.

Ficção poética ambientada no Pantanal, Corumbá, Bonito, Campo Grande e Rio de Janeiro, "O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor" revelará o itinerário criativo de Manoel de Barros, via colagem de textos e imagens suscitadas por sua "Estética do Ordinário".

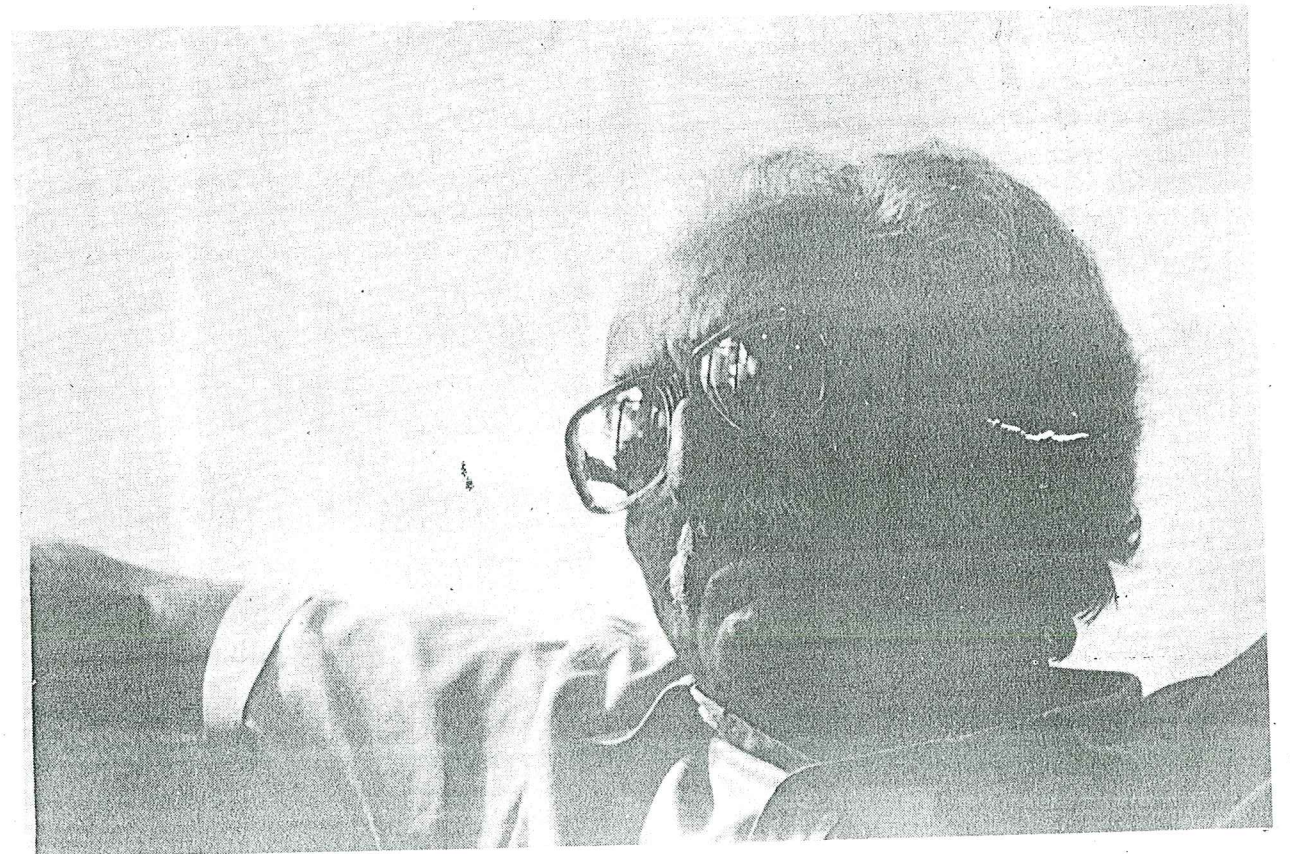
Para incorporar fragmentos de seu universo estético e temático, o cineasta Joel Pizzini Filho reuniu pela primeira vez os principais intérpretes da alma sul-mato-grossense: Ney Matogrosso, Rubens Corrêa, Aracy Balabanian, Ney Latorraca, Tetê Espíndola, Ivan Albuquerque, Almir Sater, Humberto Espíndola e Emmanoel Marinho. Além deles, participaram, também, o músico Geraldo Carneiro, o poeta Chacal, o ator Claudio Mamberti e o jornalista Fausto Wolf.

No filme, Ney Matogrosso é uma espécie de "corpo poético". Tetê Espíndola faz a "locução-cantan-

te" e Rubens Corrêa encarna o "sábio demiurgo". A fotografia esteve aos cuidados de Pedro Farkas ("Inocência", "Cinema Falado" e "Marvada Carne") e o som coube a Geraldo Ribeiro ("Jango" e "Das Tripas Coração") Eliane Bandeira ("Hora da Estrela" e "O País dos Tenentes") assina a produção executiva.

Situando o anonimato do criador, o filme ousa experimentar o cinema na poesia de Manoel de Barros que auto-definida "armação de objetos júdicos com emprego de palavras, cores, imagens e sons" coincide com uma certa técnica de "montagem cinematográfica". "Um poema sob cinema", antecipa Pizzini. É uma co-produção Polo MS e Embrafilme.

Joel Pizzini — ele foi premiado pela Embrafilme, em 1986, quando o seu filme foi selecionado entre os 10 melhores projetos dos 200 inscritos —, disse que foram três semanas de filmagens do curta-metragem "O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor", e que trata-se de um "reconhecimento ainda em vida (para o poeta Manoel de Barros),



O poeta Manoel de Barros. (Foto de Marcelo Buainain).

para não repetirmos o sucedido com Cora Coralina", adverte.

Mostrando o mínimo de imagens do poeta, que atualmente vive na sua fazenda em Nhecolândia, no Pantanal, e o máximo de sua obra, Joel Pizzini também quer preservar o "mel" do anonimato do "caramu-

jo-flor", para quem "a inaptidão para o diálogo gerou o poeta". E contribuir para que a sua poesia possa, de algum modo, continuar tocando e descobrindo almas sensíveis.

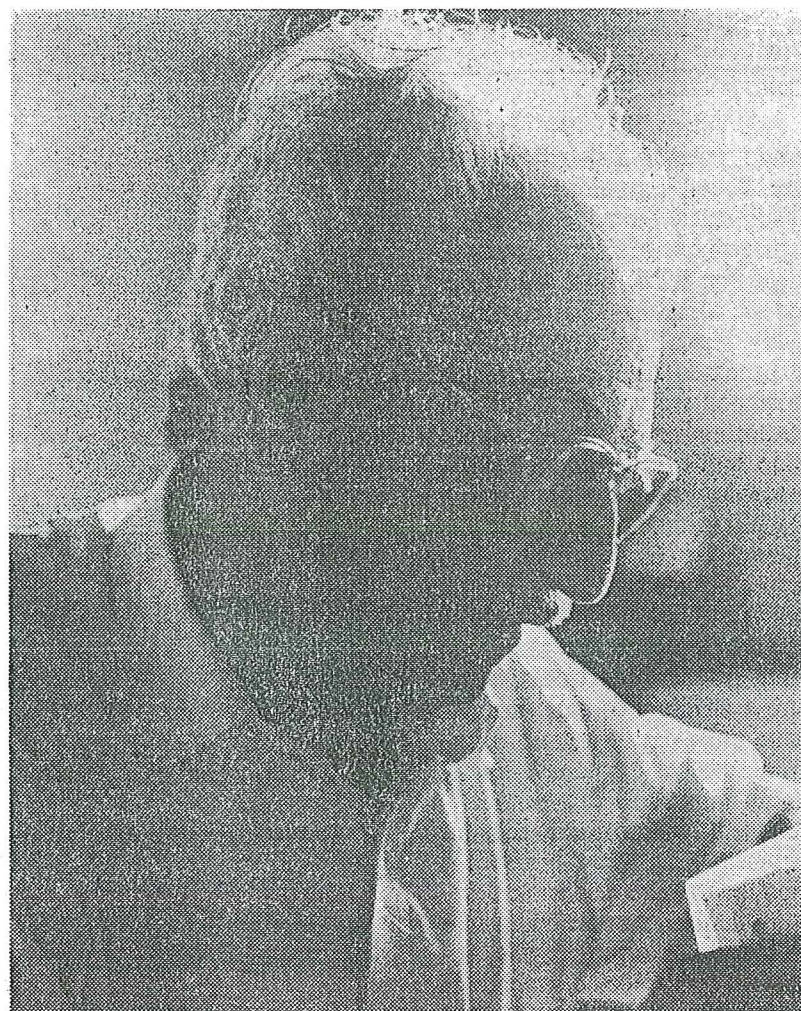
Numa das cenas, Pizzini expressa simbolicamente esta idéia: o neto de Manoel de Barros, o Manoelzi-

nho, de quatro anos, sentado num balanço improvisado de pneus (o balanço é o pêndulo do relógio, a marca do tempo), spletra, misturando a sua fala aos zumbidos de vários insetos, o pensamento do avô: "A gente é rascunho de pássaro. Não acabaram de fazer".

Inutilidades 'impoéticas'

O "encaramujado" poeta sul-matogrossense Manoel de Barros (foto), 79 anos, prepara-se para sair da toca e lançar em setembro, pela Editora Record, seu novo livro intitulado *Livro sobre nada*, do qual *Idéias* antecipa dois poemas. Arredio, ele é tido como o mais importante poeta vivo brasileiro, ao lado de João Cabral de Mello Neto, por elevar à última potência a liberdade linguística.

Manoel de Barros cata a poesia entornada no chão. "Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para os poemas um gosto de chão", é a sublime meta deste cinzelador da sintaxe e descobridor de universos insuspeitos. "Lesma", "água", "musgo" e "caramujo" são vocábulos que se esfregam em seus poemas, resgatando para a poesia o erotismo de um festejo verbal. "Encostado no corpo da natureza o poeta perde sua liberdade de pensar e de julgar. Sua relação com a natureza é agora de inocência e erotismo. Ele vira um apêndice. Restará preso ao corpo, às lascívia, ao vulgar, ao comum, ao ordinário. Daí que se



pode dizer que as palavras de um poeta vêm adoçadas dele, de suas raízes, de suas tripas e de seus desejos", define Manoel de Barros, cultor do simples e entronizador das inutilidades "impoéticas".

O poeta acredita que o poema é antes de tudo um "inutensílio". Para forjar suas superfluidades, Manoel de Barros se esmera. Em seu "lugar de ser inútil", o escritório, passa horas lendo livros e fazendo anotações em dezenas de cadernos. São frases de bêbados, de crianças e observações sobre a pulsante vitalidade de coisas inanimadas. Refazer um poema cerca de 200 vezes só atesta a profundidade de sua complicada tarefa de dizer simples. Esse seu novo livro, por exemplo, o poeta confessa que é sobre o nada.

"A editora que publica Drummond tem a responsabilidade de dar toda a força à poesia brasileira que é o que começamos a fazer com Manoel de Barros, o maior poeta em atividade no Brasil. Porque mais do que ele só João Cabral, que não é um poeta, é uma obra", diz Luciana Villas Boas, editora assistente da Record.

PRETEXTO

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustenta só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada

mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc, etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.

Texto introdutório escrito pelo próprio Manoel de Barros para seu novo livro

O andarilho

Eu já disse quem sou Ele.
Meu desnome é Andaleço.
Andando devagar eu atraso o final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.



Sem título

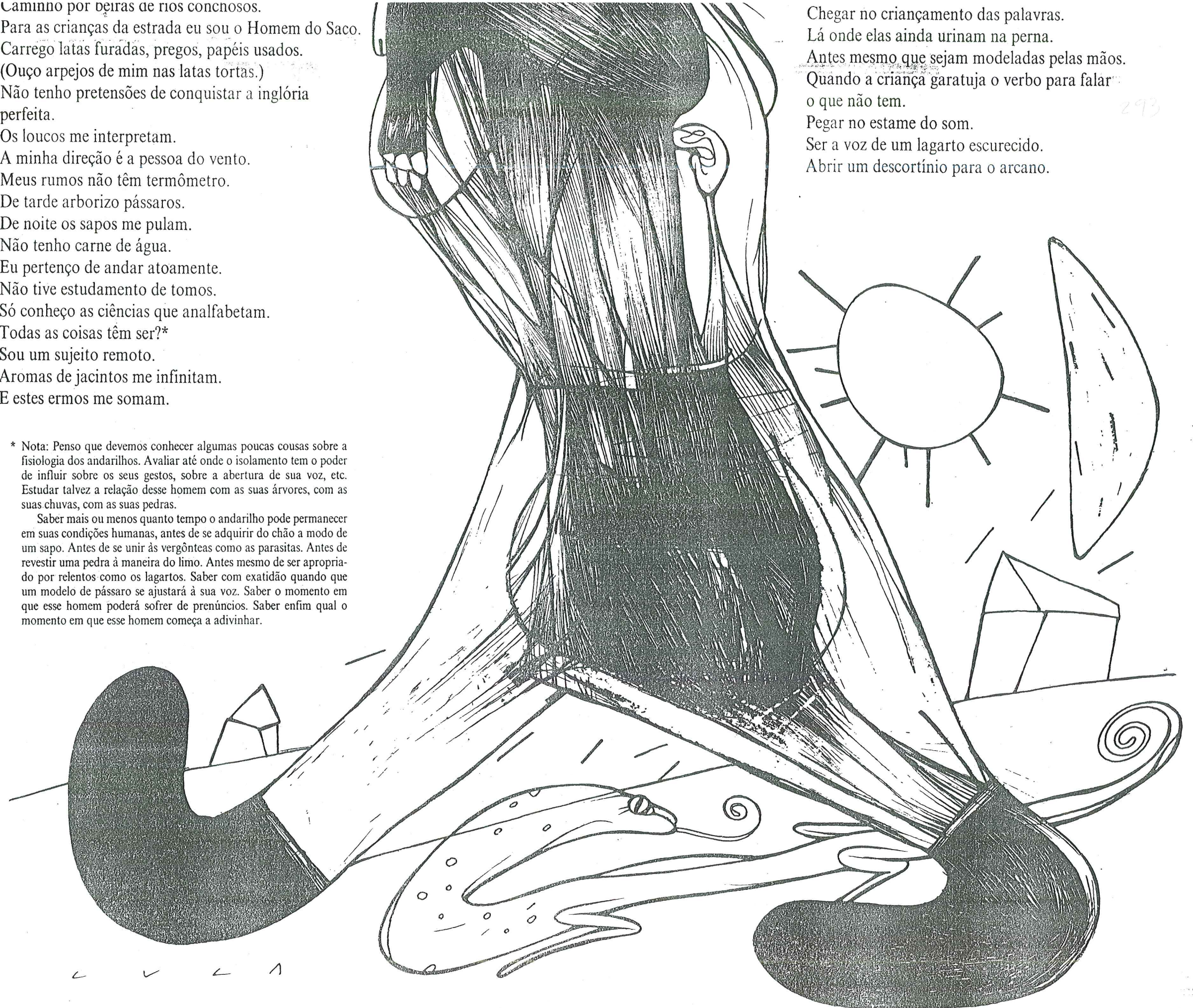
Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar no criancamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.

Caminho por beiras de rios conchosos.
 Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.
 Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.
 (Ouço arpejos de mim nas latas tortas.)
 Não tenho pretensões de conquistar a ingloria
 perfeita.
 Os loucos me interpretam.
 A minha direção é a pessoa do vento.
 Meus rumos não têm termômetro.
 De tarde arborizo pássaros.
 De noite os sapos me pulam.
 Não tenho carne de água.
 Eu pertenço de andar atoamente.
 Não tive estudamento de tomos.
 Só conheço as ciências que analfabetam.
 Todas as coisas têm ser? *
 Sou um sujeito remoto.
 Aromas de jacintos me infinitam.
 E estes ermos me somam.

* Nota: Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras.

Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.

293
 Chegar no criancamento das palavras.
 Lá onde elas ainda urinam na perna.
 Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
 Quando a criança garatuja o verbo para falar
 o que não tem.
 Pegar no estame do som.
 Ser a voz de um lagarto escurecido.
 Abrir um descortínio para o arcano.



"Caramujo" é exibido no Chile e Barcelona

Campo Grande-MS, Quinta-feira, 30 de setembro de 1993

Por outro lado, o cineasta Joel Pizzini está preparando o seu novo filme

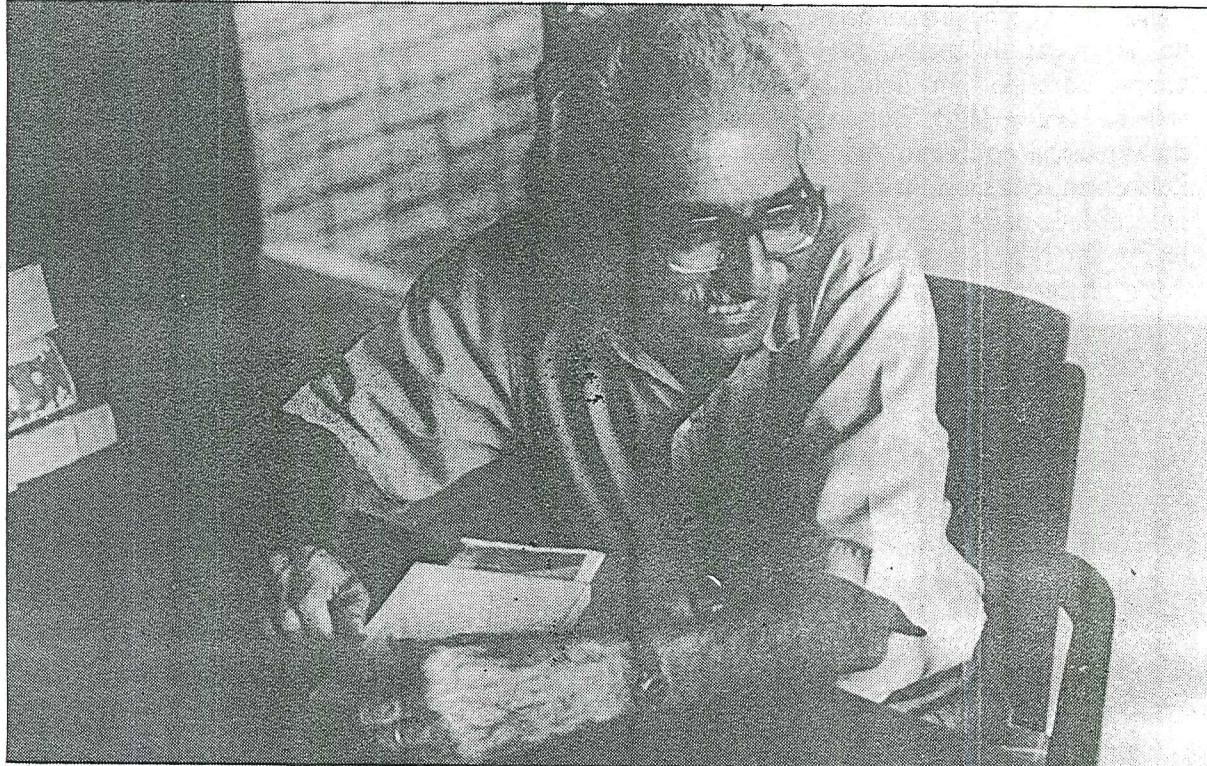
O filme "Caramujo-Flor", do cineasta sul-matogrossense, Joel Pizzini continua brilhando no exterior. Depois de conquistar o "Colón de Ouro", principal prêmio do XVI Festival Internacional de Huelva, o filme retorna à Espanha para ser exibido novamente em Barcelona, numa Mostra de Cinema Alternativo que acontecerá de 22 a 28 de novembro próximo com organização da Fábrica de Cinema Alternativo e consulado brasileiro. Antes disso porém, "Caramujo-Flor" participa em Santiago do Chile, do 1.º Encontro Latino de Curtas-Metragens que teve início ontem e prossegue até o final do mês, sob organização do Instituto Profissional de Arte e Comunicação (Arco). Ainda no Chile, o filme representa o Brasil no VI Festival Internacional de Vina Del Mar, que acontece de 9 a 17 de outubro e que conta ainda com a participação de curtas como "Som ou Tratado da Harmonia" de Arthur Omar e "O Brinco" de Flávia Moraes.

No Brasil, "Caramujo-Flor" também segue sua carreira, despertando ainda, depois de três anos, grande interesse do público e da crítica especializada. O filme, por exemplo, foi um dos maiores destaques do IV Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo através do Museu da Imagem e do Som. Exibido dia 27 de agosto, na Mostra "Retrospectiva Experimental", ao lado de filmes de Glauber Rocha, Sérgio Bianchi, Jim Jarmusch ("Daubailó" e "Estranhos no Paraíso"). E

Agnês Varda, o filme de Pizzini recebeu inúmeros convites, entre eles, para figurar numa turnê de curtas brasileiros premiados, que percorrerá a partir de outubro cidades italianas como Turim, Pisa, Verona, Pádua e Roma. Considerado a "meca" do curta brasileiro, o Festival Internacional de São Paulo, o único do gênero na América Latina, reuniu este ano, além de cineastas, produtores e distribuidores do mundo todo, um público de mais de 11 mil espectadores, que pode assistir 263 filmes vindos de 30 países diferentes.

No momento em que se começa a retomada do cinema brasileiro, e a crítica avalia o "boom" da produção de curtas-metragens dos anos 80, que chegou a ser batizado no exterior como o "pequeno milagre brasileiro", o filme "Caramujo-Flor" tem sido citado freqüentemente como clássico desta cinematografia. É o caso da matéria publicada na Folha de São Paulo ("Caderno Mais") assinada pelo cineasta Carlos Reichembach ("Anjos do Arrebalde" e "Filme Demência") que aponta o filme de Pizzini como um dos trabalhos que "nos últimos cinco anos garantiram a sobrevivência de nossas imagens na mídia nacional e estrangeira". Também na Folha, em artigo intitulado "Narcisismo em Curta-Metragem", o ensaísta Davi França Mendes cita "Caramujo-Flor" ao lado dos curtas "Trancado por Dentro", "Dove Meneguethi" e "Ilha das Flores" como modelo de filme consistente, elaborado e ao mesmo tempo bem acabado.

ARQUIVO DS



O poeta Manoel de Barros, sucesso internacional e divulgado no filme "Caramujo Flor"

de De Chirico, inventor da "Pintura Metafísica" e considerado o "Pai do Surrealismo". De Chirico influenciou sensivelmente o movimento modernista brasileiro, tendo sido, inclusive, aluno de Iberê Camargo e pintado, no Pós-Guerra, um retrato da escritora Clarice Lispector. A doação de 5 telas de autoria de Chirico ("O Enigma", "Natureza Morta", "Gladiadores", "Cavalos à Beira-Mar" e "Gladiadores e seus Troféus") feitas pelo empresário Francisco Matarazzo, que as mantinha em seu acervo particular, foi fato gerador da criação do hoje Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Para realizar o "Enigma", Joel Pizzini já tem confirmada a presença na equipe técnica, do diretor de Fotografia, Rodolfo Sanchez, premiadíssimo pela fotografia de clássicos como "O Beijo da Mulher Aranha" e "Pixote" — ambos dirigidos por Hector Babenco, do diretor de Arte, Fernando Mello Costa, comemorado pelo seu trabalho na peça "Cartas Portuguesas", de Bia Lessa, e do músico e compositor, Lívio Tragtemberg, autor da trilha sonora de "Caramujo-Flor", que obteve o prêmio de Melhor Música na XII Jornada do Maranhão. As filmagens estão previstas para iniciarem em novembro aqui, no Estado (local a definir), São Paulo e Chapada dos Guimarães. Visando fazer um lançamento do filme, coerente com o diálogo que pretende articular entre o cinema e a pintura, o realizador já obteve o apoio do próprio MAC (Museu de Arte Contemporânea)

ARQUIVO/DS



O cineasta Joel Pizzini comentou sobre o seu mais novo trabalho

Após se afastar da Fundação de Cultura do Estado para dedicar-se exclusivamente a seu novo projeto cinematográfico "O Enigma de Um Dia", o cineasta Joel Pizzini encontrou tempo para montar o documentário "Memórias das Artes", lançado recentemente na "Semana de Letras" realizada tanto na Fucmt como a UFMS. Com imagens inéditas do poeta Manoel de Barros bem como de filmes de época produzidos no Estado como "Caçador de Diamantes" (tido como desaparecido) de Zé Estevão e Carnavais de Rua em Aquidauana, o documentário por incrível que pareça se constitui no único registro audiovisual da nossa memória artística como um todo. O projeto de pesquisa que resultou no vídeo editado por Pizzini, gravado por Marcelo Amorim com vinhetas de Edson Audi, foi desenvolvido pelas professoras Maria da Glória Sá Rosa, Idara Negreiros Duncan Rodrigues e Maria Adélia Menegazzo. "Memória das Artes" foi produzido pela Fundação de Cultura de MS, Universidade Federal de MS e Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia.

Agora, Pizzini, que também é mem-

bro do Conselho Estadual de Cultura, mergulha com tudo na produção do "Enigma de Um Dia", reescrevendo o roteiro, pesquisando as locações e investindo na captação de recursos necessários à integralização do orçamento do filme. O projeto "O Enigma de Um Dia" foi aprovado por unanimidade pelo "Prêmio Estimulo" promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, através de concurso público que teve mais de noventa concorrentes.

Inspirado no quadro homônimo do pintor Giorgio De Chirico, considerado o maior artista italiano deste século, "O Enigma de Um Dia" propõe um diálogo entre o cinema e a pintura, calcado essencialmente no imaginário do cineasta douradense e incorporado através do ponto de vista de um vigia que trabalha num museu. O quadro, que motivou o cineasta a escrever esta ficção experimental, pertence ao acervo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC), e foi trazido ao Brasil pelo escritor Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral, de Paris em 1914. Trata-se de um dos trabalhos mais representativos

ne) que se comprometeu a ceder todos os seus "De Chirico" para uma exposição, que poderá se tornar a primeira retrospectiva do pintor italiano no País.

Pizzini tentará conseguir a participação de colecionadores particulares que possuam obras do artista metafísico. A idéia, segundo Joel, é dimensionar a real importância de De Chirico para a cultura brasileira através de uma visão conjunta de sua obra presente no País. O quadro do MAC, revela Pizzini, esteve até a década de 70, ignorado pela crítica internacional. Só muito recentemente,

descobriu-se que era uma obra-prima e aí então passou a ser continuamente requisitados por museus do mundo todo.

Ao falar do filme, Joel Pizzini ainda faz um certo mistério. Ele antecipa apenas que o vigia "viverá uma experiência estética, que o transladará do espaço físico do Museu para o universo metafísico do pintor". O filme, explica o cineasta, possuirá "um dinamismo ilógico, que é o mesmo dinamismo da obra de G. De Chirico, uma vez que o artista propõe a ruptura entre a causa e o efeito, entre a vigília e o sonho".

Manoel de Barros agora em cartão

São 200 mil cartões especiais. Uma homenagem prestada pelo Governo do Estado ao poeta internacional

Duzentos mil consumidores de energia elétrica da Capital e do Interior recebem em dezembro e janeiro um cartão especial com uma homenagem simultânea à população do Estado e ao poeta Manoel de Barros feita pelo governador Pedro Pedrossian. Outros 1000 cartões, que incluem além de rimas, desenhos de Barros, também foram confeccionados pelo Governo do Estado para serem distribuídos a autoridades.

Apesar de citado e entrevistado inúmeras vezes por publicações nacionais e internacionais, muitos sul-mato-grossenses desconhecem Barros e suas 12 obras. Para o filólogo Antônio Houaiss, ex-ministro da Educação e Cultura, Barros "tem lugar assegurado entre a melhor poesia já produzida no Brasil". O entusiasmo do "fã" se revela ainda mais quando ele relata que "meu entusiasmo em relação a Barros vem desde seu primeiro livro e deriva do fato de que ele é quantitativamente um moderado, econômico em si e nas coisas, mas que sempre aparece renovado".

Giovanni Ricciard, professor de Literatura Brasileira na Universidade de Bari, Itália, ao escrever "Autos-Retratos" onde relata a história de vida de escritores brasileiros como Mário Quintana, Raquel de Queiroz e Jorge Amado, também fala de Barros dedicando a ele 12 páginas de pura emoção e humildade, como é mesmo a personalidade do poeta.

A sofisticada revista de arte "El Paseante", editada na Espanha, dedicou ao Brasil um número especial em 1989 onde publica uma seleção de poemas de Barros. Dividem as páginas da revista com ele Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Ruben Fonseca e João Cabral de Mello Neto. Para Arnaldo Jabor, articulista da Folha de São Paulo, "Barros nos dá em sua poesia o descanso da crítica brasileira".

Foto: Reprodução



Manoel de Barros: homenageado

Barros não fala para televisões e rádios. Todo jornalista que o entrevista - a grande maioria por escrito e sem prazo para entregar as respostas - se gaba da proeza. Primeiro porque o poeta é arredio à imprensa. Isso talvez pelo tratamento que a dita "crítica especializada" lhe deu no início de suas carreiras. Foi o próprio Manoel de Barros quem teve de assumir pessoalmente a publicação de seus primeiros livros, que distribuía aos amigos e dos quais nem ele possui exemplares.

A proeza também se deve ao fato de Barros responder as perguntas na mesma linguagem dos poemas, transformando pautas em viagens ao coração da arte. A maior prova do sucesso nacional de Barros - e o anonimato para com os sul-mato-grossenses são as inúmeras páginas inteiras e duplas que seu novo livro ("O Livro das Ignorâncias") está tendo em jornais de grande circulação, e os raros registros da imprensa local.

VIDA EM RIMAS

Manoel de Barros nasceu em

"Poemas Concebidos sem Pêccado", publicou em 1937, quando era estudante de Direito no Rio de Janeiro, se "simpatizava" pelo Partido Comunista e já tinha o nome na lista da Polícia do Estado Novo.

Nos anos 40 morou em Nova Iorque e cidades da Bolívia, Peru, Itália e Portugal. Em 1942 já publicava seu segundo livro, "Face Imóvel", e em 1956, o terceiro "Poesias". Na confecção de seus livros, que jamais excedem a 400 versos, o poeta traduz invariavelmente volumosas resmas de escritos. Para chegar a "O Guardador de Águas", em 1989, encheu 32 cadernos.

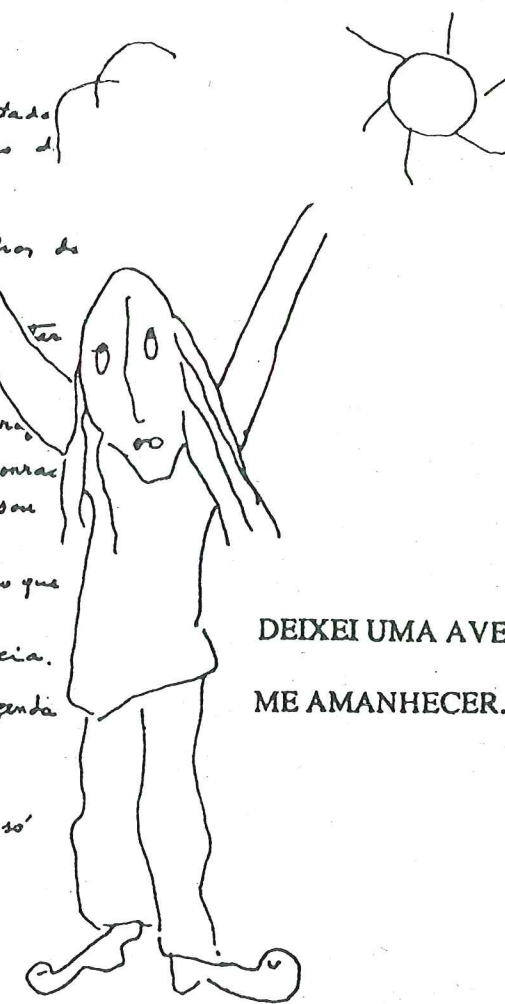
As obras de Manoel de Barros são as seguintes:

- 1937 - Poemas Concebidos Sem Pecados
- 1942 - Face Imóvel
- 1956 - Poesias
- 1961 - Compêndio para Uso dos Pássaros
- 1969 - Gramática Expositiva do Chão
- 1974 - Matéria da Poesia
- 1982 - Arranjos para Assobio
- 1985 - Livro de Pré-Coisas

Auto-Retrato Falado

Vento de um Cuiabá garimpo e de ruínas entortado
Min pai teve uma venda de bananas na Bessa d'
Marinha, onde usou.
Fui criado no Pantanal de Corumbá entre os
chão, pessoas humildes, avós, rios e árvores.
Apreço viver em lugares decadentes por gosto.
Entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ao fazedor é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia, me sinto mais desonrado
ao publicá-los e fui para o Pantanal onde sou
abençoado de garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei, pelo que
fui salvo.
Desejaria que todos os caminhos levem à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda
de gado. Os bois me recriam:
Agora eu sou tão oroso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
fazo coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

Manoel de Barros



DEIXEI UMA AVE
ME AMANHECER.

Manoel de Barros

O que pensar sobre Manoel de Barros

"O importante em Manoel de Barros é que ele faz pesquisa a favor e não contra o leitor. Isto é, busca sempre novos meios de ser entendido, fugindo à pose dos herméticos das torres de marfim".

(Lago Burnett)

"A caminhar em direção ao coleante, ao úmido, ao viscoso,

tica de Manoel de Barros incorpora o ambíguo, o difuso, o descentrado; desconcerta e arrebatava o leitor".

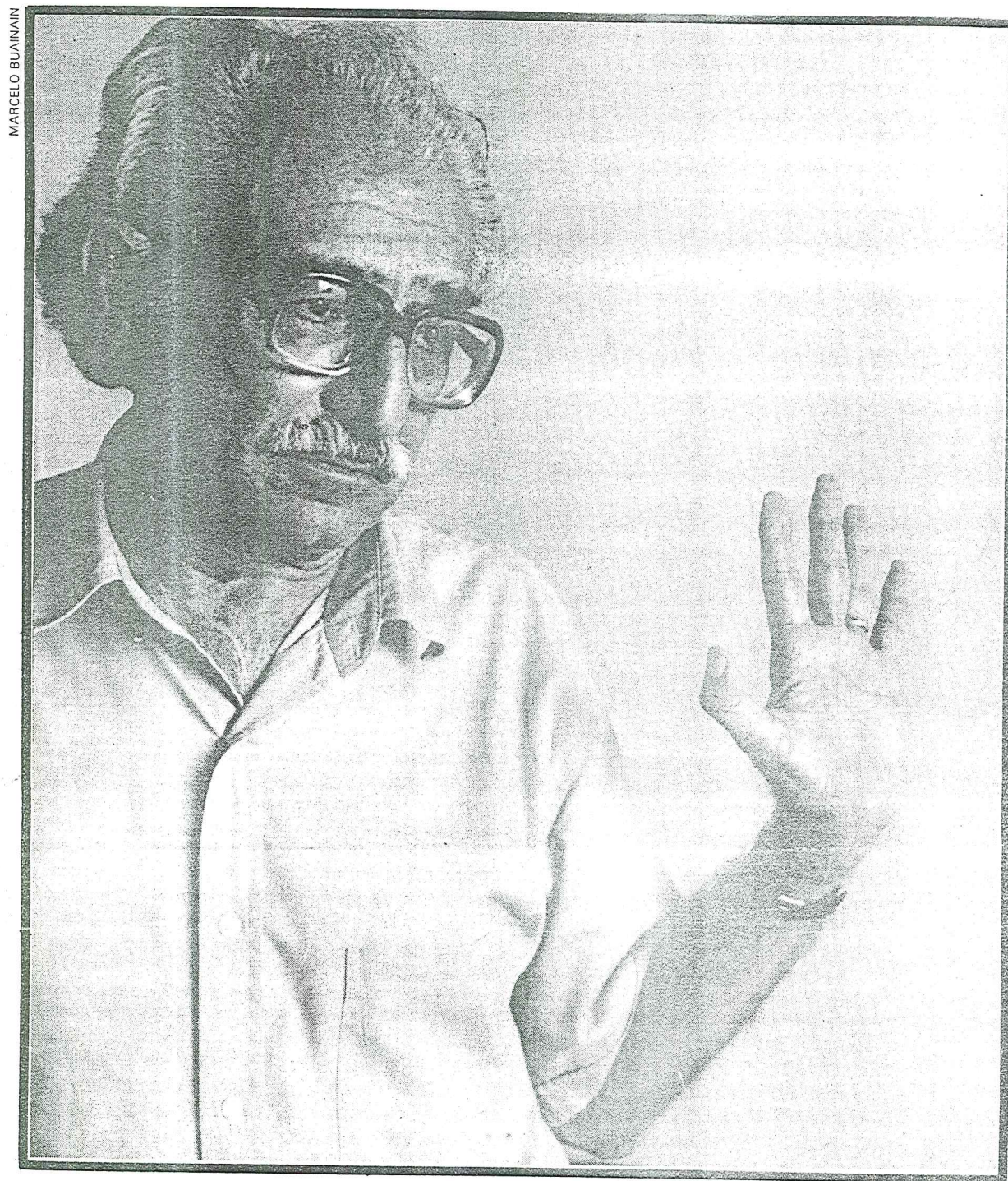
(Lúcia Castello Branco)

"Acreditamos que o novo, em Manoel de Barros, não está na alça de mira: está na própria não que aciona o gatilho".

Pantanal e nada faz para atrapalhar a harmonia pré-homo sapiens. Como homo ludens, vem à Cidade para rir e volta ao mato para anotar".

(Fausto Wolff)

"Sobre essa realidade brasileira, mato-grossense e distante, vibra o super-real desse poeta, seus valores desvai-



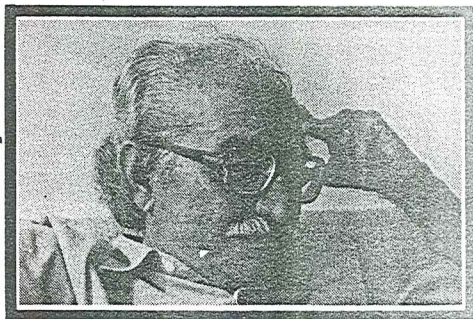
MARCELO BUAINAIN

MANUEL de BARROS

Homem que desregrou sistematicamente a percepção, tendo se tornado vidente, um fazendeiro de 70 anos chamado Manuel de Barros cumpre no Pantanal de Mato Grosso a operação secreta, desencadeada pela modernidade poética para transformar a terra. Aprendeu com Paul Klee e Rimbaud que “as regras do jogo estavam completamente mudadas”. O Pantanal e o resto de ponta-cabeça. Desses que preferem guardar em segredo a sua “operação”, ele continua praticamente desconhecido entre nós — o Brasil mal conhece o Brasil. Aqui, um pouco desse doce bárbaro.

O ESCÁRNIO E A TERNURA

José Maria Cançado



Inútil querer fazer um *Globo rural* com o matogrossense e fazendeiro Manuel de Barros. Nele, como no verso do desregramento de Maiakovski — “em mim a anatomia ficou louca” —, foi a geografia que enlouqueceu, e com ela todo lero e evidência regionalistas. Manuel é Rimbaud sentado nas escadas do Porto de Cuiabá esperando as barcas dos mascates árabes é Erik Satie fragmentando infinitesimal a *renga paraguaya*, Heidegger tomando o caminho do Pantanal: sujeito cultural e poético, universalíssimo misturando todas as pistas. É ele próprio quem diz, com essa espécie de delicadeza das criaturas verdadeiramente insondáveis, a delicadeza dos grandes segredos: “Sou aberto aos desentendimentos como um rosto”.

Inútil a propósito dele ficar perguntando, ou trocando figurinha tipo “tal país, qual poesia”, “tal pantanal, qual poeta”. Não há nenhum “flagrante regional jóia” nessa poesia escolada na mais ampla modernidade poética. Diz ele: “As evidências não interessam, como em Bunñel”.

Há sim um quê de decididamente insondável em Manuel de Barros. Ele é afabilíssimo contudo. Não o fosse tanto, à colegial pergunta sobre como ele escreve, bem poderia ter respondido de forma emudecedora com um trecho de um de seus poemas — “Como se bronha / E agora peço desculpas / Estou arrumado para pedra”. Responde porém: “Para mim, escrever é aprender a errar a língua. Um desvio da linguagem. As evidências não importam. Eu estou sempre escrevendo uma espécie de guia de cego”.

Mas é fora de dúvida que diante de Manuel de Barros o interlocutor tem a impressão de que está diante do verdadeiramente, do absolutamente outro. A delicada estranheza de um homem que, mais do que tímido talvez, tem uma perfeita percepção das barreiras do contato. Aquele que Rimbaud andava invocando aos gritos, em Manuel de Barros é pura afabilidade.

Certo, certíssimo que Manuel de Barros anda e se move por outras categorias. Desentende-se a gente um pouco diante dele (ele virá logo em socorro dizendo que é assim mesmo, que “é preciso perder a inteligência das coisas”). Não há, por exemplo, a menor explicação para muita coisa em Manuel de Barros. Talvez a maior e mais inquietante delas: o fato de ter permaneci-

Cisco, s.m.

Pessoa esbarrada em raiz de parede
Qualquer indivíduo adequado a lata
Quem ouve zoadas de brenha. Chamou-se de O CISCO
DE DEUS a São Francisco de Assis
Diz-se também de homem numa sarjeta

Visita

Na cela de Pedro Norato, 23 anos de reclusão,
a morte sesteava de pernas abertas...
Dentre grades se alga, ele!
Tem o sono praguejado de coxas.
Contou que achara a mulher dentro de um pote e a bebeu.
Sem amor é que encontramos com Deus, — me diz.
O mundo não é perfeito como um cavalo, — me diz.
Vê trinos de água nos relógios.
E para moscas bate continência.
Eu volto de sarjeta para casa.

Oferta

Arcado ser, —
eu sou o apogeu do chão. Deixa passar o meu estorvo
o meu trevo a minha corcova
senhor!
(este assobio vai para todas as pessoas pertencidas
pelos antros)

do e continuar tão desconhecido, lido apenas por alguns happy few, Antônio Houaiss, Ênio Silveira (que editou dois de seus livros), alguns outros, não muitos. Desconcerta saber que os seus oito livros de poesia (o primeiro é de 1942) tenham sido publicados sem nenhuma comoção definitiva na poesia brasileira. Por onde andamos esse tempo todo? Um princípio, hipótese quem sabe, de explicação: que, homem do desregramento, quebrados todos os espelhos, simetrias, ele tenha permanecido para lá tanto da solenidade neoparnasiana da geração de 45, a que pertenceria cronologicamente, quanto da cantiga regionalista. Astro sem atmosfera.

Há mais, contudo, desse quê de insondável na vida de Manuel, hoje morando em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ao lado da mulher e de um filho (o outro está sempre na fazenda, Pantanal dentro). Nada é biografável. Ele parece ter seguido uma lei, uma lógica, que não se confunde em nada com essa linha biográfica formativa de escritores mais óbvios. Há deslocamentos, descontinuidades, desvios. Ele tenta uma explicação de cor local: “Aqui no Pantanal não aceitamos a estrada. O buge entra pelos desvios. É nele que se encontra a surpresa”. Entre um estágio e outro da sua vida parece haver uma linha descontinua. O Rio de Janeiro, Nova Iorque, a volta para o Pantanal, para Campo Grande. Entre um e outro estágio, uma e outra estação, rupturas também insondáveis.

“Nasci em Cuiabá, mas passei os primeiros anos em pleno Pantanal. Meu pai era o que se chamava na região de ‘arameiro’, o fazedor de cercas. Ali o que eu tinha, no meio da clareira em que morávamos, era ver os movimentos, a atrapalhada dos pequenos animais, das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno. Se há alguma coisa que valeu foram esses armazenamentos ancestrais.” Um Manuel, miúdo, siderado pelo mínimo, um Manuel já na alquimia. Condenado a ser vidente?

“Depois com dez anos fui para o Rio de Janeiro, estudar. Fiz lá mesmo o curso de Direito”, diz ele. Fazendeiro do ar na capital do país, (as terras do pai no Pantanal nem cogitadas). “Embora mais rebelde e libertário do que propriamente revolucionário, eu me tornei militante do Partido Comunista, na mesma célula do Apolônio de Carvalho. Isso até o dia em que tive

que presenciar Luis Carlos Prestes defender Getúlio e o apoio a ele, o mesmo Getúlio que quando ditador tinha mandado a Olga para o campo de concentração." Aí, lembra, chorou sentado na calçada várias horas. Voltava a si ou o que seja, "aberto aos desentendimentos como um rosto" mas continua um "homem de esquerda".

As ligações entre um período e outro ainda meio truncadas. "A biografia", diz Manuel, "é uma tolice". Iria bater em seguida em Nova Iorque, 1946. "Passei um ano na Rua 57. Era o mundo. Foi o cinema que me levou para lá", explica ele meio surpreendentemente. Chaplin, Rossellini. "Passava um dia inteiro na cinematheca". E as artes plásticas. "Foi aí em Nova Iorque que descobri Paul Klee. Vi que ele tinha mudado completamente as regras do jogo." Depois a volta meio atropelada para o Rio de Janeiro e a ida definitiva para o Pantanal, para Campo Grande. Nada biografável. Antes uma espécie de substituição secreta de si mesmo. Se os "biografemas" se degradam, a alquimia poética prosseguiu, incessante. "Rimbaud, com o chamado ao desregramento completo, de todos os sentidos, nos ensinou a ser verdadeiros na modernidade. Foi ele que fundou o lugar que podemos ocupar hoje. Ele contribui para tudo".

Entende-se agora a impressão que tem o interlocutor diante de Manuel de Barros, a impressão de estar diante do discretamente outro. É que sendo a nuca um mistério para o olho, não é de todo visível, de todo evidente, o que faz Manuel. Ele anda metido nessa operação que Rilke desencadeou para transformar o que há. Difícil captá-lo portanto. Anda em outra. Anuncia, ainda e sempre discreto, que está escrevendo um novo livro, com poemas longos. O título *A arte de infantilizar as formigas*. O personagem é um desses idiotas de estrada que urinam nas formigas. O anúncio é feito com um sorriso desafiante, pequena confidência, o gesto da mão indo rápida até uma ruga da testa, como quem adianta o que será a nova fase, o novo estágio para transformar a terra. O mijo à la Dostoiévski desse idiota de estrada, escárnio e ternura diante do miúdo e do que se move, revolve categorias. O Pantanal e o resto de cabeça para baixo. A geografia ficou louca: Manuel de Barros, é, no quadro e no mapa "assentados" da poesia brasileira de hoje, um dos autores desse "livro por vir", arranjo diferente entre o ser e as coisas.

Livros de Manuel (esgotados):

Poemas concebidos sem pecado, ed. particular, 1937;
Face imóvel, R.J., ed. Séc. XX, 1942;
Poesias, RJ, Irmãos Pongetti, 1956;
Compêndio para uso dos pássaros, RJ., livr. São José, 1961;
Gramática expositiva do chão. R.J., ed. Tordos, 1969;
Matéria de poesia, RJ. livr. São José 1974;
Arranjos para assobio, RJ. ed. Civ. Bras., 1982;
Livro de pré-coisas, RJ., Philobiblion Fundação de Cultura MGS, 1985.



O MÁGICO CERCO

Berta Waldmann

Pode ocorrer, e ocorre, que muitos escritores são negligenciados por seus contemporâneos, arcando com a injustiça do juízo crítico. É o caso de Manuel de Barros.

Situada cronologicamente na geração de 45, a poesia de Manuel de Barros apresenta uma dicção tão pessoal que sua voz soa rara na nossa literatura.

O Pantanal Matogrossense é o habitat do poeta, embora seu texto esteja longe de ser documental. Não é nunca sobre o Pantanal que se debruça a palavra poética de Manuel de Barros, mesmo quando o poeta dele apresenta um itinerário, como ocorre em seu *Livro de pré-coisas*.

O Pantanal invade a voz do poeta, promiscuo dos vegetais, das pedras, da água, das lesmas e lagartixas, dos sapos, pássaros e rãs. Essa invasão constitui a tônica de sua poética. A ausência de limites e a construção de um universo poroso — onde se "intertrocam" os atributos humano, vegetal, animal e mineral — remetem ao desejo de alcançar um acesso direto com a realidade, sem passá-la pelo filtro do sujeito. É necessário ao sujeito ficar isento de si para ver a realidade, ou bem transformar-se nela.

"Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, e meu canto.

Meu canto reboja./ Não tem margens a palavra./ Sapo é nuvem neste invento./ Minha voz é úmida como restos de comida./ A hera veste meus princípios e meus óculos./ Só sei que por emanções por aderências por incrustações./

O que sou de parede os caramujos sagram./ A uma pedrada de mim é o limbo./ Nos monturos do poema os urubus me farreiam./

Estrela é que é meu penacho!/ Sou fuga

para flauta e pedra doce./ A poesia me desbrava./ Com águas me alinhavo..."

(Arranjos para assobio, p. 16)

Mas o poeta reluta em usar o verbo "ver". Conhecer com os olhos implica manter uma distância entre o olho que vê e a coisa vista. "Ver", portanto, não comporta a absorção da matéria: o olho capta o objeto sem tocá-lo, degustá-lo, cheirá-lo, degluti-lo. Assim, a imagem que a visão elabora não decalca o modo de ser do objeto, ainda que de alguma forma o apreenda. Porque o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma — para o sujeito.

Para poder encostar a boca na matéria viva é preciso libertar o contemplado da consciência que o contempla. Por isso, o poeta transpõe os limites, avança os sinais da percepção e cria figuras sinestésicas do tipo "ver com o ouvido", "escutar com a boca", "escrever com o corpo":

"Dali/ se escutavam os ventos com a boca/ como um dia ser árvore".

(Compêndio para uso dos pássaros, p. 55)

Por essa percepção onde os sinais se somam, a "boca", metonimicamente indicativa da palavra e figura recorrente na poesia de Manuel de Barros, aparece como "boca da terra", "boca comida de lodo", "limo na boca", "mato na boca", nunca a palavra na boca. Esta, o poeta a põe junto ao esterco, de modo a impregná-la de matéria viva.

"Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão..."

(Matéria de poesia, p. 20)

O nome é um acréscimo, um intervalo, e impede o contato com a coisa. É possível

pensar a realidade antes da linguagem que a designa? Mas é da natureza da palavra estar no lugar da coisa. Essa a distância que a poesia de Manuel de Barros pretende transpor. Porém, como instaurar a unidade homem/ natureza através da poesia, se a palavra é uma mediação que reforça a unidade perdida? Este paradoxo está no cerne da poesia de Manuel de Barros.

Apoiada por uma percepção pré-categorial, a poesia busca sua saída por uma longa estrada que desce às fontes da memória e aos labirintos do inconsciente, urdindo liames e analogias novas que vão formando o cerne de seus procedimentos simbólicos. Assim, a consciência adestrada volta-se respeitosa e atenta, para o que não é ainda consciência — a pedra, a planta, o bicho, a água, a infância — em busca da síntese mítica e entranhadamente poética do sujeito com o objeto e de todos os opostos. Para isso, é preciso fazer aflorar a linguagem da infância recalcada, a metáfora do desejo, o texto do inconsciente, a grafia do sonho, que vão configurando um mundo fluido e circular, onde a vida e a morte fervilham. Pode-se notar que há um traço surrealista nessa maneira de o poeta transfundir as noções mais conscientes para um plano vago, geral e complexamente humano. Além do surrealismo, no horizonte de referências dessa poesia trabalhada, embora desprovida de imponência, destaco a presença de Paul Klee, Joan Miró, Giuseppe Arcimboldo, Antonio Nobre, Cesário Verde, Jorge de Lima, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Heidegger e Sartre.

É difícil ler os poemas de Manuel de Barros sem que a imagem de uma contínua transfusão ocupe o nosso espírito: a lagartixa e a parede, o homem e a água, a boca e a terra, a criança e a árvore, a rã e a pedra, a vida e a morte decorrem tão fluidamente um do outro, e tão generosamente se reverterem, que somos levados a habitar um tempo sem rupturas nem contrastes, anterior ao domínio da máquina sobre toda a natureza.

Aí, a palavra parece não ser vicária, a ponto de um lagarto medrar na beira de um livro e lagartixas subirem pela palavra "parede":

Passeio nº 3

"Raízes de sabiá e musgo/ Subindo pelas paredes/ Não era normal/ O que tinha de lagartixas na palavra paredes"

(Matéria de poesia, p. 40)

O leitor é convidado a participar desse cerco mágico e intenso onde as coisas se soldam à percepção do sujeito e sua percepção se transfunde nas coisas. Para tanto, convém seguir a indicação do "transnominador".

"Poesia não é para compreender mas para incorporar/ Entender é parede: procure ser uma árvore".

(Arranjos para assobio, p. 29.) □

Berta Waldmann é professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária na Unicamp

"As almas da festa"

Com o cinema falado e a Grande Depressão, muitos escritores americanos acolheram o aceno de Hollywood. A inadaptação, a bebida, e finalmente o macartismo: uma história de fracasso exemplar.

Sérgio Augusto

O roteiro é a alma de um filme", proclama o escritor Gore Vidal num dos ensaios de seu livro *De fato e de ficção*, recentemente lançado pela Companhia das Letras. Ele trabalhou como roteirista em Hollywood, entre 1956 e 1958, e até hoje lamenta que não se dê a quem escreve um filme o mesmo status de quem o dirige. "Os espectadores ignoram que alguém escreve as histórias dos filmes. Eles pensam que os atores inventam aquilo tudo" — comentava o cínico roteirista interpretado por William Holden em *Crepúsculo dos deuses* (*Sunset boulevard*), já lá se vão 37 anos. Claro que o número de espectadores esclarecidos aumentou bastante desde então e, nesse tempo, também o nome do roteirista ganhou maior destaque nos créditos. Mas o diretor continuou sendo a grande estrela atrás das câmaras, por obra sobretudo da vulgarização da teoria do autor, segundo a qual todo cineasta digno deste nome imprime sua marca inconfundível em todas as suas fitas, inclusive nas menores.

A discussão talvez seja, no fundo, bizantina. Afinal, há filmes em que a qualidade do roteiro predomina e outros cujo ponto alto é a sua *mise-en-scène*; para não falar daqueles que se destacam pelo trabalho de equipe (...*E o vento levou*, *Casablanca*, os casos mais notórios). De qualquer modo, nunca se viu alguém sair de um filme de Hitchcock exclamando: "Mas que roteiro, heim?" Em compensação, é isto que mais dá vontade de dizer ao final de *Suprema conquista* (Twentieth Century, uma das comédias mais divertidas de Howard Hawks, recentemente reprisada pela Rede Globo).

Um bom script, sem dúvida, é meio caminho andado. E quando é muito bom, como o de *Suprema conquista*, assinado por Ben Hecht e Charles McArthur, o diretor tende a simplesmente ilustrá-lo; mesmo em se tratando de um diretor comprovadamente "autoral" como Hawks. Apesar de humilde diante da verve avassaladora da dupla Hecht-McArthur, Hawks se impôs quando teve nas mãos os roteiros que, a seu pedido, lhe escreveu William

Faulkner: *O Caminho da glória* (*The road to glory*), *Uma aventura na Martinica* (*To have and have not*), *A beira do abismo* (*The big bleep*) e *Terra dos faraós* (*Land of pharaohs*). Pois de um bom (ou mesmo um grande) romancista não se deve esperar um trabalho à altura do que profissionais egressos de outras áreas (Hecht veio do jornalismo, McArthur da Broadway) legaram ao cinema.

Faulkner apenas reforçou uma desconfiança engrossada pelo legado hollywoodiano de F. Scott Fitzgerald, Aldous Huxley, Bertolt Brecht, Christopher Isherwood, Nathanael West, Horace McCoy, Dorothy Parker, John Fante e outros menos votados. Salvaram-se, em termos, os mais cinéfilos. Graham Greene e James Agee, por exemplo. Ambos haviam sido críticos de cinema antes de trocarem o romance pela prosa cinematográfica. Nenhum dos outros bamba citados produziu algo sequer aproximado de *O terceiro homem* (adaptado à tela pelo próprio Greene) ou de *Uma aventura na África* (*The african queen*) e *O mensageiro do diabo* (*The night of the hunter*), roteirizados por Agee.

Gore Vidal, mais um cinéfilo, deu-se bem em *Vassalos da ambição* (*The best man*), mas tem bons motivos para não se orgulhar do que de sua autoria sobrou no roteiro de *Ben-Hur*. Mesmo entre os ficcionistas cinéfilos, a quota de fracassos costuma superar a de êxitos. Greene, vale lembrar, responsabilizou-se pelos scripts de algumas das piores versões cinematográficas de seus romances e cravou o primeiro prego no caixão de *Santa Joana*, uma inacreditável adaptação da peça de Bernard Shaw, filmada por Otto Preminger em 1957.

Shaw foi outro que por pouco não vendeu seu talento a Hollywood. Quando por lá flanou, como um turista vip o produtor Samuel Goldwyn tentou seduzi-lo, como fizera, ainda no tempo do cinema mudo, com Maurice Maeterlinck e Somerset Maugham. Goldwyn se vangloriava de fazer filmes "artísticos", baseados em clássicos da literatura e do teatro, com autores importados da Europa, que de modo geral eram apenas sisudos, pedantes e chatos. Shaw, que sabia reconhecer um fanfante de olhos fechados, apelou para sua

arma mais eficaz, a ironia: "Agradeço o convite, mas não posso aceitá-lo, Sr. Goldwyn. Não daria certo. O senhor é uma pessoa muito preocupada com arte e eu só penso em ganhar dinheiro".

Com o advento do falado, a caça aos literatos se intensificou. Pauperizados pela Depressão, poucos resistiram ao canto da sereia. Ao atender à primeira convocação, em 1932, Faulkner já havia publicado os seus melhores romances, nenhum deles bem-sucedido comercialmente. Trabalhou quatro anos em Hollywood, entre 1932 e 1935, primeiro na Metro, depois na Fox, sempre se sentindo como um estranho no ninho. Para aplacar sua má consciência, enchia a cara de manhã à noite, terapia por sinal adotada por Fitzgerald, o mais trágico e grandiloquente exemplo de inadaptação ao cinema. O melhor que Fitzgerald conseguiu fazer na Califórnia (onde morreu de infarto, em 1940) foi o seu romance (inacabado) sobre Hollywood, *O último magnata* (*The last tycoon*). E o mesmo se diga de Nathanael West, o autor de *O dia do gafanhoto* (*The day of the locust*).

West e Fitzgerald morreram, por coincidência, no mesmo dia. Fitzgerald, aparentemente, teve mais sorte, por ser da Metro, ao passo que West, a exemplo de McCoy, teve de vagar por estúdios vira-latas, como a Republic e a Monogram. Mas West ao menos pôde ver o seu nome na tela mais de uma vez, ao contrário de Fitzgerald, sistematicamente preterido sob a acusação de escrever diálogos excessivamente literários. Os dois acreditavam no cinema; Faulkner, não. Isherwood não só acreditava como admitia ter incorporado à sua obra recursos da linguagem cinematográfica.

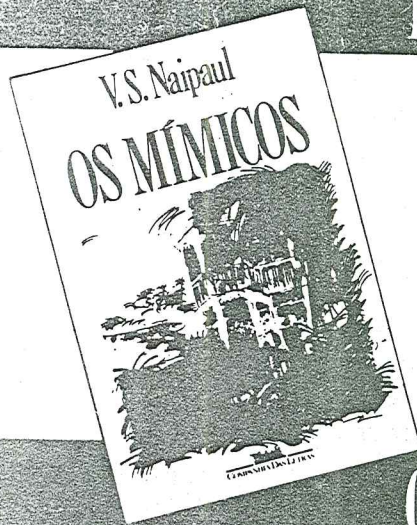
Nenhum deles saiu ganhando. Nem o cinema. A comunidade de Hollywood, sim. Alguns deles se consagraram como "almas da festa" — até porque bebiam muito — e vários deles lá plantaram as primeiras sementes da conscientização política, que até hoje dão frutos; e só deram galho no auge do macartismo, na década de 50. □

Sérgio Augusto é jornalista.



Faulkner, Brecht, Greene, Hemingway

FINALMENTE NO BRASIL, "O MESTRE DO ROMANCE"



V.S. Naipaul

Fique com a:
COMPANHIA DAS LETRAS

"O mestre do romance... Um grande escritor sem raízes dirige um olhar frio a um mundo de desajustados e de sociedades 'em desenvolvimento'..."

Newsweek

"Considero Naipaul o melhor romancista vivo escrevendo em inglês..."

Francis Wyndham, *The Listener*

"As palavras de V. S. Naipaul são afiadas como uma navalha, perigosa e cotidiana... Ele dirige sua inteligência antisséptica, seu coração endurecido e sua raiva medida às sociedades subdesenvolvidas..."

Sunday Times

"...um dos mais interessantes escritores vivos... Seus romances descrevem uma espécie de espaço e liberdade pós-coloniais ilimitados — um delírio de liberdade —, mas a loucura e a inanição espreitam toda pobre alma que dê um passo em falso."

The New York Times Book Review

OS MÍMICOS 200MIM20 OS MÍMICOS 200MIM20

Cabeças

Há algum tempo atrás, falando conosco sobre a anunciada falência da crítica literária, Paulo Francis, à sua maneira já conhecida, mandou ver: "Literatura é fundamentalmente a narrativa, a dramática narrativa de pessoas em situação de opressão tentando se libertar. A narrativa de conflitos dentro de uma sociedade e de uma cultura". É isso: Paulo Francis, queiramos ou não (e isso não fará muita diferença), representa e fala a partir de uma tradição de escritores, de jornalistas, de intelectuais, que pensam a cultura como realidades inevitavelmente agonísticas, de luta e antagonismo, estratégia do conflito e das idéias. Rápido: representante da boa tradição humanista.

A cultura para ele é sempre momento e expressão de um inolvidável drama. Se Francis, no despacho de um parágrafo enfarruscado, ou no tom "sabichão" no jornal das onze, fala de um autor, de um diretor de cinema, de um político, é a esse drama que ele nos remete: o drama das cabeças. Ninguém é obrigado a tomar à letra o que nos diz, verdade: mas verdade também que, talvez como ninguém hoje no país, ele protagoniza essa nossa segunda natureza: a cultura. É aí que nos interessa. Protagonista e protagonizador daquilo que nos constitui, aquilo que levamos nas nossas cabeças. É com esse Paulo Francis a nossa entrevista do mês (pág. 22) e matéria de capa. J.M.C.

MARCELO BUAINAIN



18 O Pantanal de ponta cabeça

Manuel de Barros: esse poeta praticamente desconhecido no resto do país realiza no Mato Grosso do Sul as tarefas desmesuradas do gênio e o programa radical de Rimbaud: tornar-se vidente transformar a terra. Um pouco desse fazendeiro.

MAURO SATO



14 Os escritores no olhar eletrônico

Os roteiros para vídeo, cinema, televisão, configuram hoje um mercado crescente para escritores. Um contemporaníssimo exercício da literatura, talvez. As dicas, os dados, as informações, sobre esse gênero cada vez mais solicitado.

33 O ex-estudante de letras de Turim

Esquivo ao dogma, Gramsci, 50 anos depois de sua morte, continua uma profusão de encontros. Aqui, dois deles: com o Gramsci que marcou no coração da política o discurso autônomo da literatura e da criação cultural e o Gramsci historiador.



SUMÁRIO

Cartas	4
Etc.	5
Lançamentos internacionais	10
Roteiro	14
Poesia	18
Entrevista do mês/Paulo Francis	22
Pré-lançamento	26
Inquisição	30
Ensaio	33
Mais vendidos	36
Leitura	37
Leia/Educação	49
Lançamentos do mês	59
Próximos lançamentos	62

Ilustração de capa:
Francisco Rocha

LEIA

Fundador: Caio Graco Prado. Conselho de Redação: Alberto Dines, Antonio Fernando de Franceschi, Caio Túlio Costa, Eric Nepomuceno, Fernando Moraes, Hélio de Almeida, Virginia Pinheiro.

Editor: José Maria Cançado
Editor do suplemento LEIA-Educação: Adilson Rodrigues.
Redatores e repórteres: Deborah Peleias, Ethel

Leon, Irene Rezende, Juárez Guimarães. Arte: Isabel Carballo. Secretária Gráfica: Márcia Cristina Correia. Revisores: Eric Rasmussen Paraense, Wilson Ricardo Serrano, Past-up: João A. Santos. Secretária: Silvia Borges. Publicidade: Ronaldo Godinho Oliveira, Maria Aparecida Aguiar. Criação Anúncios: Edmundo Franca Jr. Past-up publicidade: Deolinda Freire. Divulgação e promoção: Simone Moreira. Assinaturas: Edna Aguiar.

Joruês

Editores: Marília Andrade e Flávio Andrade. Diretoria: Jesus Varela Gonzáles, José Luiz Nadal, Aluísio Marques, Jorge Fernando Paes Leme. LEIA é uma publicação da Cia. Editora Joruês, registrada no CPC sob o n.º 35-000269/86-76 e beneficiária da Lei nº 7505 de 2/7/86 (Lei Sarney). Redação, publicidade e circulação: R. dos Pinheiros, 928, CEP 05422, São Paulo/SP. TEL:

posto e impresso em oficinas próprias. Sucursais: Belo Horizonte (Rua Bahia nº 1.148, sala 714, CEP 30160, tel. 031-224-0777, responsável — José de Fátima Furbino), Porto Alegre (Praça Rui Barbosa nº 39, sala 6, CEP 90030, tel. 0512-26-9747, responsável — Marco Amaral). Representante: Sônia Maluf (Rua Walter Castela nº 76, Florianópolis, CEP 88000). Distribuição Nacional: Fernando Chignaglia Distribuidora S.A.

Manoel de Barros

concerto a céu aberto para solo de poeta

Sob as nuvens do céu de Campo Grande/MS, o pantaneiro Manoel de Barros — considerado por muitos o maior poeta vivo do Brasil — concede entrevista exclusiva a **Nicolau**, onde reafirma a convicção sempre íntima e atual em sua vida: a de que o homem que possui um pente e uma árvore pode servir para a poesia.



Pantaneiro, Manoel de Barros mora no asfalto. Na hoje nada bucólica Campo Grande MS. As cinco da manhã, ele já está acordado para tomar, em jejum, um legítimo guaraná, que deve ser bem "relado" com grosa das usadas — para não esquentar o pó. Depois, faz longas caminhadas todas as manhãs. Por vezes, ao lado de sua bem arquitetada residência, descansa nos muros de um terreno baldio, onde os caramujos fazem morada. Equilibra-se no meio-fio da calçada, faceiro como criança, enquanto o fotógrafo Marcelo Buainain pretende uma pose sua.

Híppie nas décadas de 30 e 40, o poeta palmilhou estradas da América do Sul — conhecendo personagens nada celestiais, como a peluda boliviana que engendra o poema da Maria Pelego Preto. Se não viajava, ouvia histórias de viajantes, como sobre uma polaquinha de Curitiba que também virou poesia, cujos dois últimos versos foram glorificados — em carta — por Drummond de Andrade. Foi para Nova York estudar cinema e pintura. Foi a Paris, conhecer os mestres em fecundos museus. Mas, andarilho sempre a observar gentes e coisas insignificantes.

Das gentes do chão surgem personagens imortais, como o peão-filósofo Aristeu, de quem ouvia o seguinte reparo em conversa com seu pai: a estridência do grilo no cio aumenta 75 vezes. Este personagem é da memória de sua infância, quando dos dois aos sete anos era um bugrinho do Pantanal, apelidado Nequinho. Outro personagem ainda existe, mora na fazenda de Manoel: é o Bernardo da Mata, que de um dia para outro desistiu de falar, apenas ri, bebe pinga e atrai passarinhos como se sua cabeça fosse árvore. "É um ser tão bom que inveja não acopla nele", diz Manoel.

As fazendas Santa Cruz e Buritizinho, no pantanal de Nhecolândia, vai às vezes. Do escritório da cidade, Manoel Venceslau Leite de Barros acompanha os negócios agropecuários. No gabinete reservado da residência, escreve poemas durante cinco horas diárias. "Poesia para mim é trabalho, caso contrário seria distração", afirma e confessa da exaustão do fazer poético: "Ninguém é pai de um poema sem morrer".

Não é preciso uso de Zíngua para puxar as histórias de Manoel de Barros: ele é sincero prosador também. Conta, por exemplo, que seu primeiro livro, aquele que fica inédito para sempre graças ao rigor que a poesia exige, continha 150 sonetos de inspiração católica. Sumiu durante uma *blitz* do Estado Novo, em 1936, no porão de uma pensão no Catele (Rio), onde morava. Era todo manuscrito com capricho. Mas o poeta não se importa com o sumiço: "Só o título era bom: *Vossa Senhora de Minha Solidão*".

Foram manhãs, tardes e noites de conversas imbricadas, principalmente, para a poética e para o Pantanal que borda e lambe sua poesia. Mas não se queira Manoel de Barros poeta pantaneiro. O rótulo regionalista enche o sapicua dos poetas universais. Afinal, diz ele, "quem comanda toda a minha poesia é a infância. O que determina o poeta é o gene". Assim, "minha infância no Pantanal reforçou essa atração pelas coisas pequenas do chão. Mas esse milagre estético poderia acontecer em qualquer quintal de uma casa em Paris".

Aqui, um pouco dessas conversas, poemas inéditos de seu futuro livro e, outra exclusividade para Nicolau, desenhos de seu próprio traço. Conversas iniciadas em Campo Grande e continuadas por telefone e por carta.

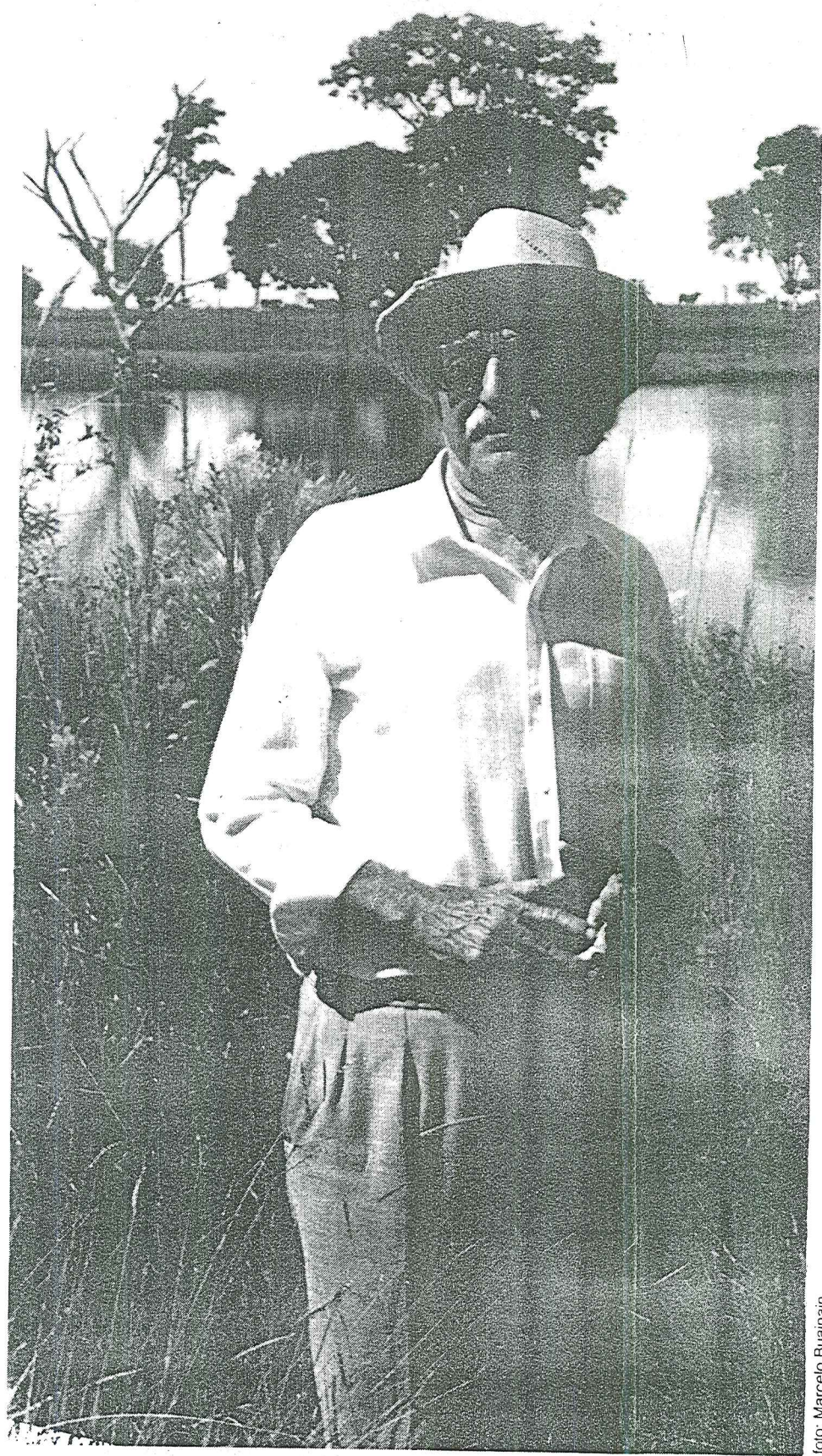


foto: Marcelo Buainain

entrevista a Adélia Maria Lopes



Sérgio Rubens Sossélla

Conheço a poética de Manoel de Barros desde 1983, quando me mandou, pelo correio, os seus *Arranjos para Assobio*. Parco nos elogios, eu o chamei de *poetíssimo!* num longo artigo que trata da natureza dos arranjos e não dos arranjos da natureza. Cuidando das versões e não do original, levantei a problemática manoelense, que desemboca, essa topografia, num fundo de quintal e adjacências do mundaréu. Feita com um *minimu* de “coisinhas”. Lembrança subterrânea de Joan Miró. Nessa pequenez bibliográfica, verbalizada e sonorizada num *concerto desconcertante*, com a adição do *Livro de Pré-Coisas* ele simplesmente desatarraxou, executando números impossíveis com instrumentos muito afinados. Esse “frescor de águas correntes” traz o melhor de si. Os seus livros não são *sobre* o Pantanal: explicam bem o avesso: ou, aliás, isto é: não se explicam, algo assim como o *roteiro de uma poética que excursionou na pantanosidade das pré-visões*. Longe, portanto, de constituírem uma minuciosa (e desnecessária) aerofotogrametria da planície pantaneira, ou de apresentarem álbuns fotográficos seqüenciados pormenorizando uma viagem à região, os trabalhos de Manoel de Barros refletem o fantástico mapeamento de um criador de mundos. Ainda no pórtico, a pista, na afirmativa de que “o organismo do poeta adoece a natureza”. Natureza adoecida, ou a abelha regurgitando nos alvéolos o néctar transformado em mel; ou a pérola, corpo estranho encistado nos tecidos do molusco; ou o poema, natureza devolvida, ou uma segunda natureza. Carta geográfica e quadro sinóptico do apontador gráfico de novos rumos oníricos. Baralho de feéricos alfabetos de um *enfant terri-*

visão pré-lógica e a poética de MANOEL DE BARROS

ble que inventa e se reinventa sem cessar. *O Guardador de Águas*, na guarda e na vanguarda das descoisas, das deságuas e dos desserres (além de “des-ser”, os seus “desceres”): aranhas, ralo de bueiro e menino obrando atrás de Cuiabá, caracóis, besouros e pedras, árvores, sapos e cestas de roupas sujas, lama, formigueiro e pássaros, raízes, musgos e paredes, monturos, folhas e lagartixas, sarjetas, moscas e galos, ervas rasteiras, muros e caramujos — rota impecável de uma incursão da *poiesis* nas funduras e alturas do homem. As imagens inusitadas se alimentam da linguagem da criança e do linguajar dos simples, plenas de grafismos, de referências literárias e plásticas, de colusões, sinestesias e neologismos, como se estivessem passando o mundo a limpo. Itinerário do transfeito. Transfeitura. Manoel de Barros chega a falar em “estilo do sapo”. Metalinguagens num breviário. Algo que não está no mapa. Temístocles Linhares, referindo-se a Dantas Mota, observou: “Guardadas as devidas proporções, eu o vejo ao lado de um Raul Bopp, apresentando algo de coisa sagrada, muitos de seus versos parecendo versículos da bíblia nova”. Apenas retiro as proporções devidas a uma falssimilhança (Guimarães Rosa) com o genial *Cobra Norato*. Desexplicando, para acender os meus vaga-lumes aqui no escuro: tudo se concentra, nessa poesia quase toda, no uso de uma *gramática pessoal* (subentenda-se *téchne* e “expositiva do chão”), onde o vate esquadriinha fora das molduras da racionalidade, do cartesianismo que inadmite o meio-termo. Metalogicamente situado, o bardo mato-grossense-do-sul é, hoje, uma das três vozes mestras da literatura brasileira.

SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA, 48, paranaense de Curitiba PR. Poeta, ensaísta e ficcionista, com mais de cem livros publicados.



EU VI UM ÊXTASE NO CISCO!